

AVULSO

ESC.
1.20

ANO II—N.º 93

25
FEVEREIRO
1943



*Ymãs
Remartinez*

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanaário gráfico de actualidades

Um Quadro



que não pôde figurar
no SALÃO DAS
BELAS ARTES!



O pintor Machado da Luz, visto pelo architecto Martins Correia

MACHADO da Luz expõe mais de três dúzias de quadros, a óleo e a «crayon», no S. P. N. É um artista de intenções herméticas — que é como quem diz: pinta para si e não para o gosto da galeria. Apresentou agora a sua primeira prova singular porque — é ele próprio quem o sente — a arte, como os frutos, só devem ser arrancados da árvore-mãe, quando chega o momento psicológico do amadurecimento. Ele que não quis andar por aí a dar-nos gradações nem de grãos da ascensão da sua carreira, preferiu mostrar-se na maturação plena da sua sensibilidade artística. Por isso a sua exposição é harmoniosa e coerente, aqui e ali com lampejos de génio, muito fora de especulações modernistas, sem deixar de ser um pintor moderníssimo no processo e na resultante. Talvez por isso, ele que se tem mantido quasi no claro-escuro dos grandes conjuntos — tem dado aos outros, que não a si, o espectáculo de um ecletismo paradoxal: certa vez, mandou para o Salão das Belas Artes uma paisagem que o júri recusou, porque o achou de mérito relativo. Esse mesmo quadro, po-

rém, numa exposição que se fez mais tarde no estúdio de S. Pedro de Alcântara — foi o primeiro a ser adquirido pelo Estado, e lá figura, com honra para o pintor, no Museu de Arte Contemporânea.

Depois — ou antes, não importa — Machado da Luz mandou para outro Salão da Primavera o quadro que reproduzimos: «Mulher a dias» — obra de técnica, surpreendente nos pormenores da água suja do soalho, forte de verdade, de prosaísmo rude, no movimento das mãos contorcidas, no desenvolvimento muscular dos braços, a contrastar com o peito estreito de quem vive a respirar voltado para o chão. Na construção ousada do quadro, onde vive, realmente, o drama imenso do trabalho brutal, foram escalpelizadas intenções gorkianas com que o júri achou de seu dever não estar de acôrdo. Entretanto, nesse quadro que ocupa lugar de honra na exposição do S. P. N., há apenas o heroísmo do trabalho e todas as verdades que o tempo e a força bruta imprimem na conquista do pão dos pobres.

Gorki e Junqueiro podem-se, na verdade, dar as mãos...

Entre nós



A direcção da Casa de Leiria, composta pelos srs. deputado Manuel Ribeiro Ferreira, dr. Francisco Cortês Pinto, tenente-coronel Pinheiro Correia, dr. Alfredo de Carvalho, dr. Afonso Zuquete, Jaime de Almeida Coutinho, dr. Pedro de Aguiar e o sr. almirante Almeida Henriques, foi recebida pelo sr. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, a quem solicitou o auxilio do Estado, para a construção dum monumento à Rainha Santa Isabel e a D. Diniz, em pleno pinhal de Leiria.

No Instituto de Altos Estudos, na Academia das Ciências, proferiu uma conferência acerca das «Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha», o professor dr. Amorim Ferreira. Presidiu o sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia, que tinha à sua direita os srs. embaixador de Inglaterra e Joaquim Leitão, e à esquerda, os professores drs. Moreira Júnior e Pereira Forjaz.



Uma comissão de lavradores da Leiria Grande de Vila Franca de Xira, representando a quasi totalidade dos proprietários daquela região, e constituída pelos srs. dr. Melo Machado, engenheiro José Nunes Mexia, dr. Emilio Infante da Câmara, engenheiro Frederico Gorjão e José Infante da Câmara, entregou ao sr. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, um projecto de estatutos, regulando a criação e o funcionamento de um organismo, encarregado de proceder às reparações e de manter os sistemas de defesa — valados e de enxugo — valas e comportas da referida Leiria.



O Chefe do Estado visitou há dias, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a Exposição do falecido pintor Domingues Alvarez. Foi recebido pelos srs. dr. Gustavo Cordeiro Ramos e João Couto e pelos componentes da comissão promotora do certame. O sr. Presidente da República percorreu demoradamente as salas, admirando os quadros expostos.



Teófilo Braga na intimidade

UMA CRÔNICA DE LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

No dia 24 de Fevereiro de 1843 — preze-se agora precisamente um século — nasceu em Ponta Delgada um homem a quem estava reservado na vida intelectual portuguesa um papel predominante:

Teófilo Braga. Muito se tem dito e escrito acerca de Teófilo, mas o estudo largo e imparcial da sua obra está ainda por fazer. As notas que vão ler-se não pretendem constituir sequer ligeiras pedras para o monumento literário que alguém erguerá um dia ao autor da «Visão dos Tempos»: são apenas, agora que se celebra o primeiro centenário do seu nascimento, algumas pobres flores evocativas que se desfolham sobre a sua memória gloriosa. Só a morte cria a imortalidade. A figura de Teófilo continua e continuará a viver, para além tumulo, na fulgurante palpação da sua obra. Se as grandes obras têm o maravilhoso poder de comunicar a tudo que lhes diz respeito um pouco do seu próprio clarão — possível é que estas páginas se iluminem neste momento, dum nevoa de ouro, que afinal lhes não pertence.

TEÓFILO E O SEU PRIMEIRO LIVRO

Rebello de Bettencourt, açoreano ilustre, numa das suas páginas sobre Teófilo Braga, nota que o escritor veio ao mundo precisamente no período duro da vida espiritual da Ilha de São Miguel. De facto, assim é. Num curto período de dez anos a cidade de Ponta Delgada pôde, na verdade, orgulhar-se de ter sido o berço dum pleiade brilhante de homens ilustres. Em 21 de Julho de 1840 nasce Sena Freitas; em 18 de Abril de 1842 nasce Antero do Quental; em 24 de Fevereiro de 1843 nasce Teófilo Braga; em 7 de Novembro de 1849 nasce Hintze Ribeiro; em 12 de Junho de 1950 nasce Roberto Ivens. Teófilo nasce, por consequência, dentro da mesma família intelectual. Filho dum senhor açoreano e dum continental não falta quem atribua à circunstância deste cruzamento, não apenas a firmeza do seu carácter de lutador, mas a própria natureza do seu espírito literário.

Aos quinze anos — uma criança ainda — entra precocemente nas letras com um livro de versos, «Fólias Verdes», escrito à moda de João de Lemos e de Palmeirim, — considerados, ao tempo, os dois grandes deuses da redondilha. O volume não seria, llicamente, uma maravilha — mas era, românticamente, uma esperança. Essa esperança — devemos reconhecê-lo — não tardou a converter-se numa realidade. Há quem afirme que Teófilo não era, estruturalmente, um poeta. A verdade, porém, é que certas qualidades líricas de sonhador — de que ele próprio se vangloriava ao referir-se à sua vida e à sua obra — persistiram nele, pela existência fora, mesmo através dos seus livros de erudição. «Se não tivesse feito do sonho um pouco da minha filosofia, já tinha mrido, creia» — dizia-me uma tarde, evocando algumas das suas cruéis desilusões. Isto que poderia parecer uma «blague» de ocasião correspondia, de certo modo, a um estado de espirito.

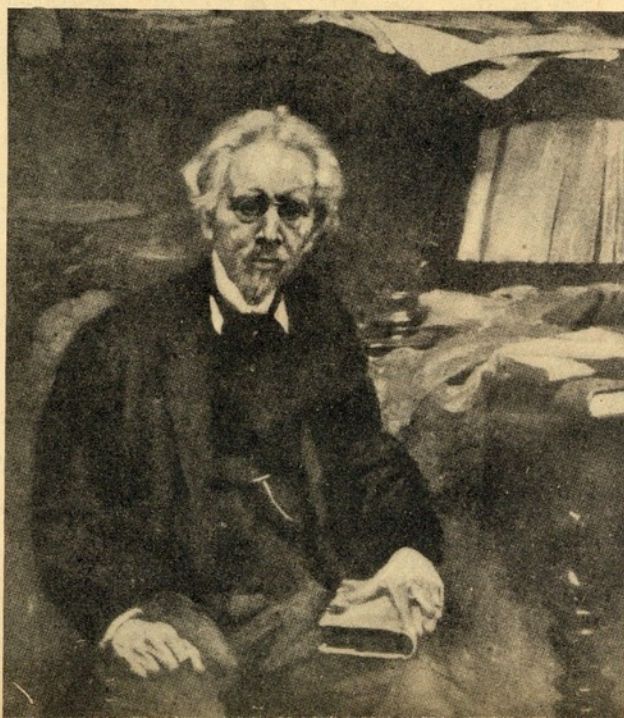
DESILUSÕES E TRIUNFOS

Ao prefezer 18 anos Teófilo saiu de Ponta Delgada para estudar



em Coimbra o curso de Direito. Na sua pequena mala de viagem não trouxe, entretanto, apenas, as suas ilusões: trouxe também um

O Presidente do Governo Provisório da República, tratando das roseiras no quintal da sua residência — Rua dos Ferreiros, à Estrêla,



programa de vida — e um programa literário. A sua existência na Lusã Atenas, longe de ser como a de tantos outros, uma existência de estudante em permanentes férias escolares, foi a dum homem a quem as vicissitudes do destino obrigaram a trabalhar incessantemente para viver e para se instruir. Obstinando-se em não aceitar o menor subsídio da família, Teófilo vivia de lecionar rapazes; mas muitas vezes lavou e remendou a sua roupa; dias houve em que passou fome; e, com frequência, teve de satisfazer o seu apetite — devorando Hegel e Littré. Se Spinoza, e era Spinoza — pensava ele — ganhara quatro vintens por dia a lapidar vidros, que razões tinha para se queixar! Foi dessa pobreza estoica, desse filosófico recolhimento, dessa orgulhosa independência de carácter, que nasceu afinal, a sua «Visão dos Tempos». Poucos homens, como Teófilo Braga, terão lutado tanto no campo intelectual. Durante largo

Quadro de Columbano, existente no Palácio Nacional de Belém

tempo a sua vida foi um combate sem tréguas. Porque lhe invejavam o valor, a cultura, a tenacidade, a persistência, a erudição, degladiavam-no, sem descanso. Em 1871 concorreu a lente da Faculdade de Direito; regeitarão-no; concorreu pouco depois à cadeira de Economia Política, na Politécnica do Porto; regeitaram ainda. Entretanto, nos domínios literários, Castilho, e mais tarde Camilo, lançavam-se ostensiva-



Teófilo Braga, lendo os jornais da manhã, dias depois de ser nomeado chefe do Governo Provisório, em Outubro de 1910

mente sobre ele, procurando aniquilá-lo. Por outro lado os editores recusavam-lhe as obras, influenciados pela atmosfera que se adensara à volta do moço escritor. Tudo foi, porém, inútil. Teófilo acabou por triunfar. Ascendeu ao professorado superior; os editores passaram a disputar-lhe os livros; a fama da sua erudição e da sua cultura tornou-se proverbial; o seu nome não tardou a pronunciar-se com o dum mestre; e o próprio Camilo, penitenciando-se, terminou por dedicar-lhe, numa hora dolorosa, um dos melhores sonetos de que se orgulha a literatura portuguesa: «A Maior Dor Humana».

TEÓFILO EM PESSOA

Teófilo atingiu todos os postos — até o de Chefe de Estado. Mas nem por isso deixou de manter, em todos estes, aqueles hábitos de vida resignada e simples que faziam parte, digamos assim, da sua personalidade. Estamos a ver a sua figura quasi tímida, vestida humildemente, caminhando, em passos vagarosos, apoiado a um velho e inseparável guarda-chuva preto. Não era fácil acreditar, pelo menos à primeira vista, que sob aquele apagado invólucro físico, caminhava Teófilo Braga em pessoa. Pois nada mais exacto. O poeta, o historiador, o erudito, o filósofo, o catedrático, presidente da Academia, o Chefe de Estado — era, de facto, aquele vulto sumido dentro dum sobretudo escuro, ostentando, como único orgulho, uma pasta atulhada de livros, de manuscritos e de papeis. Um dia — contou-me o próprio Teófilo — sendo Presidente da República, ao subir a pé, sozinho, a calçada da Estrela, viu aproximar-se um homem que, exclamou, tirando respectivamente o chapéu: — «Então V. Ex.ª não leva guarda de hon-

ra?» E pondo ao ombro, em gesto de espingarda, uma bengala que trazia — acompanhou-o até casa. Era inevitável que o natural feitio de Teófilo, desprendido de todo o exhibicionismo mais ou menos protocolar, havia de comprometer, para certos espíritos, aquela curúcia olímpica em que é costume envolver os homens eminentes. A sua volta formaram-se histórias depreciativas. Chamaram-lhe maníaco, avarento, insaciável. O seu próprio guarda-chuva tornou-se alvo da maldade e da caricatura. De tudo, Teófilo sorria. Verdadeiramente só o interessavam os seus livros, os seus estudos, as suas recordações familiares, o seu pequeno jardim familiar onde descia, todas as manhãs, sobretudo na primavera, para cumprimentar as flores, servindo-me da sua própria expressão. — «Quando vejo certas coisas, meu amigo, — confessava-me ele, sorrindo, mostrando-me um dos seus canteiros — acredito que há Deus». A lenda dum Teófilo estruturalmente seco, árido, aváro, mordente, em cuja sensibilidade não havia logar nem para a ternura, nem para o afecto, nem para o perdão, torna-se porventura tão irreal como a lenda de um Junqueiro fundamentalmente semita, videirinho, interesseiro, negociando em trastes com a inveterada ganância dum judeu. Teófilo teria, sem dúvida, defeitos como todo o mundo, mas os seus defeitos foram, em grande parte, resgatados, uns pelo muito que trabalhou, outros pelo muito que sofreu. Perdera s seus dois filhos; enviuvara; ficara só, quasi sem família. Na sua casa só havia sombras — e livros.

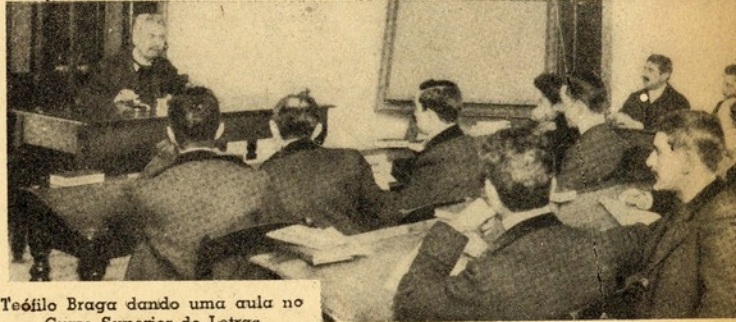
COMO ELE TRABALHAVA

Ja houve quem escrevesse que a casa de Teófilo — uma casa

O grande escritor trabalhando na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa



simple e modesta como ele próprio era — se assemelhava a um museu íntimo. Teófilo iria, porém, mais longe: chamar-lhe-ia o museu íntimo das suas saudades. As saudades da mulher, dos filhos, das horas alegres, felizes, prendiam-no, no seu sentimentalismo evocador. Mais do que uma vez pensou em mudar de casa para outra donde se visse largamente o mar. Para ele o mar era a paisagem suprema. Nascido numa ilha, a algumas centenas de metros do Oceano, a sua alma fôra embalada — como



Teófilo Braga dando uma aula no Curso Superior de Letras

ele dizia — ao ritmo das ondas. Mas deixar aquela casa, deixar as sombras, para ele bem vivas, que a povoavam — era ficar ainda mais só. Ali morreu.

Recordo-me bem do seu gabinete de trabalho, atulhado de estantes cheias de livros e de papéis; da mesa em que ele escrevia; da cadeira em que ele se sentava; da própria pena — uma autêntica pena de colégio — com que ele lançava ao papel, numa caligrafia rápida, irregular, a expressão, mais ou menos espontânea, das suas idéias e do seu pensamento. Os seus processos de elaboração literária revestiam-se dum método raro. Teófilo queria escrever uma obra. Pois bem. Começa-

va por traçar um plano geral; em seguida rodeava-se de todos os elementos que interessavam ao assunto; depois sistematizava as suas notas, as suas observações, os seus pontos de vista; e por fim, já senhor do assunto, entregava-se ao trabalho de redacção. Ao primeiro jacto não o preocupava a perfeição do período. O trabalho de retoque fazia-o mais tarde, ao rever as provas. Devemos em todo o caso, confessar, em abono da verdade, que Teófilo não era positivamente um estilista. Em regra,

nele o erudito e o filósofo sobrepuzaram-se ao homem de letras. Taine afirmava que, se os romanos tivessem de aprender latim não teria tido tempo para conquistar o mundo. Salvas as devidas proporções, poderemos talvez afirmar que, se Teófilo tivesse de burlar as frases, não teria tido tempo para escrever — trinta mil páginas.

TEÓFILO E O GUARDA-CHUVA

Ainda não há muito li que numa época em que foi moda denegrir a Nação, Teófilo Braga, sozinho, não hesitara em proclamar a individualidade geográfica, étnica e espiritual do povo português, convertendo-se — quantos fingem ignorá-lo — num percursor do Nacionalismo. A sua larga obra de investigação literária é, essencialmente, uma obra de fé nacionalista. E, entretanto, quantas injustiças praticadas, mesmo depois da sua morte, não apenas contra o homem, mas contra o escritor! A posição política e religiosa que assumiu deve, em grande parte, ter concorrido para a poeira que se levantou à sua volta. Sob o ponto de vista religioso, Teófilo manifestou-se sempre intransigente, senão em relação às pessoas, pelo menos em relação aos princípios. Explicava o crente mas, para a sua consciência de positivista, não admitia a crença. Sob o ponto de vista político nunca foi um político ou, por outra, foi sempre um político religioso. O contacto das realidades, levando-o a conhecer certos políticos, fêz-lhe crear, à volta da política, conceitos pouco optimistas. Entre ele, republicano histórico, e muitos republicanos nascidos após o 5 de Outubro, creara-se quasi logo um abismo. Alguns republicanos mesmo, da velha guarda, não o compreendiam. Ao regressar a casa, depois de ocupar, pela segunda vez, a chefia do Estado, Teófilo deve ter comentado para o seu guarda-chuva, sincero companheiro da sua existência, eterno confidente dos seus infortúnios:

— A literatura, meu amigo, é ainda o mais inofensivo dos venenos! Voltemos a escrever...

7 dias de Cinéma

por Fernando Fragoso

PRESTON Sturges e Orson Welles são os cineastas mais discutidos da actualidade. Autores e realizadores, levaram para o cinema qualquer coisa de novo, que distingue os seus filmes da restante produção, «made in Hollywood». Na grande fábrica de cinema, onde se obedece a fórmulas «standard» e a receitas sábiamente estudadas — Preston Sturges e Orson Welles procuraram, acima de tudo, marcar, nas suas obras, a própria personalidade. Hollywood, que sujeita os argumentos aos tratos de polé de sucessivas equipas de especialistas, deixou estes dois homens à vontade. E quando chegou à altura de encenar, de decorar — e de filmar, eles tiveram ainda liberdade de agir e de pensar. Mas Sturges e Welles gozam ainda de outros privilégios: podem escolher as histórias dos seus filmes, de acordo com as preferências respectivas e têm ainda o direito de realizar os temas, que lhes apetece tratar... Hollywood, claro, reconhece-lhes competência, como autores e realizadores, mas não deixa de ser curioso fazer notar esta tendência, que pode ser a primeira reacção contra o sistema que Stroheim apelidou de «a máquina de triturar personalidades».

* * *

Preston Sturges é mais equilibrado do que Orson Welles. Entre os dois, aliás, há uma diferença que Raúl Faria da Fonseca definiu com inegável propriedade: o primeiro procura inovar, contando apenas com os elementos do espectáculo. O segundo, entende que o segredo da evolução do cinema está nas fórmulas da expressão, intimamente ligadas à técnica.

Alberto Armando Pereira, decano dos jornalistas cinematográficos portugueses, costumava justificar o êxito de certos filmes, com uma frase que resumia, por assim dizer, uma das grandes verdades de que o espectáculo da tela se tem afastado: «Vocês esquecem-se de que o filme tem uma boa história... O público quer, acima de tudo, a «história»...»

Preston Sturges parece ser da mesma opinião. Na base do êxito dos seus filmes, encontraremos sempre uma anedota original, viva, apaixonante — com idéias e conteúdo humano, mesmo quando ela envereda pelo tom agri-dóce da sátira. O público está cansado do «boy meets girl». E o «little bit of sex» (o produtor implora a Sullivan que se não espeda de meter

nos seus filmes), o «little bit of sex», que é a pitada de sal nos cozinhados mais ou menos laboriosos de Hollywood, não basta só por si para garantir o êxito de bilheteira.

Preston Sturges, com coragem rara, aborda o problema do espectáculo cinematográfico, nessa mesma conversa, entre Sullivan e os seus produtores... Para quê buscar os temas transcendentes, se Hollywood e o público se contentam com filmes no género desse hipotético «Formigueiro nas pernas de 1940» — símbolo das «féeries» cinematográficas à base de «girls», orquestras, atracções, e do «little bit of sex», que as conveniências permitem?! Mas com «A Quimera do Riso», Preston Sturges parece querer provar que é possível, com tais elementos de espectáculo, fazer alguma coisa diferente, alguma coisa que tenha miolo — e que não desiluda os que gostam de pensar...

* * *

A «Quimera do Riso», com efeito, põe o problema do cinema «para pensar»... Nesta altura, em que o mundo se debate numa carnificina sem precedentes, por entre dévidas atrosas, será lícito fazer filmes, à base da frivolidade, quando tudo

parecia indicar que se buscassem, para discutir, temas sérios, capazes de orientar ou esclarecer as massas inquietas, sem esperança e sem rumo?! Preston Sturges chega à conclusão de que a Humanidade quer rir! Que os filmes alegres são, na aridez da vida, o curso de água no deserto. E que aqueles que sofrem procuram tornar a sala escura na casa de ópio do espirito...

Howard Dietz, detentor na Metro-Goldwyn-Mayer dum alto posto directivo, pronunciou, recentemente, um discurso, para pôr em relevo esta verdade. A indústria, com a avalanche dos filmes de guerra, segue por um caminho errado. O mundo está cansado de batalhas — e quer ver o cinema integrado na sua função primordial de espectáculo, de passatempo — de divertimento. Aquêles que sofrem, moral ou espiritualmente, têm, na tela branca, um antídoto poderoso contra as suas desgraças, os seus temores e os seus pesares.

Arma de guerra, instrumento de ensino, folha de propagação — de acordo. Mas o cinema é espectáculo e deverá divertir.

E o realizador do filme, êsse Sullivan, poeta e idealista, adquire esta certeza em contacto com a vida, e resolve dedicar-se, de futuro, à tarefa de dar ao mundo — a alegria pelo cinema...

* * *

A história de «A Quimera do Riso» é profundamente original. Um realizador, em Hollywood, pretende fazer um filme sobre a miséria. Os produtores tentam contrariar tal propósito, convencidos de que, para ganhar dinheiro, o modelo «Formigueiros das pernas de 1940» é o ideal... Como argumento supremo, perguntam-lhe a «sua voz»:

— O que sabe V. da miséria? Já alguma vez teve dificuldades?!... Porventura sentiu o que é a fome?!... Experimentou a trágica sensação de querer comer — e não ter dinheiro?

O realizador sucumbe! «Não! Ele não sabe o que é a miséria. Mas irá saber. Partirá de Hollywood, com 10 cêntimos no bolso. E

correrá a América, para se documentar»...

E o filme, com episódios curiosíssimos, é a história desta viagem, até ao seu regresso...

É difícil dar, em síntese, a série de anotações saborosas, que encontramos à margem das situações. Mas, entre elas, uma avulta pelo seu simbolismo... Este homem que quer viver como um desgraçado, semeria nem beira, é atirado insensivelmente, por mais de uma vez, e contra sua vontade, para o meio onde vive. Não basta andar sem vintém na algibeira, para cair no extremo oposto. Dir-se-á que forças invisíveis ligam o indivíduo ao meio onde nasceu — e que o atraem, irremediavelmente.

É preciso que o acaso lance aquele homem numa armadilha trágica, para, contra sua vontade também, conhecer a miséria, sob um dos seus aspectos mais dolorosos, e com tal realismo que se vê em sérios apuros para se libertar das chamas da fogueira, que quis ver de perto...

* * *

A «Quimera do Riso» não foi um êxito — a despeito de ser um filme excepcional. Quando me dizem que «o público não compreendeu», fico sempre na dúvida se foi o público que não chegou ao filme — ou o filme que não chegou ao público...

Tenho impressão que com o filme de Preston Sturges, nenhum destes casos se deu. Como espectáculo, «A Quimera do Riso» diverte. Como obra de tese, pode não convencer — mas encanta.

Os meus cinco fiéis leitores cinéfilos não perderam, por certo, este «Sullivan's Travels». Mas se, por acaso, o não puderam ver, recomendo-lhes que não o deixem passar em vão, quando tornar a exhibir-se. Encontrarão nele, o sabor de certas obras de Capra — e um sentido de crítica, salutar para o próprio Cinema.



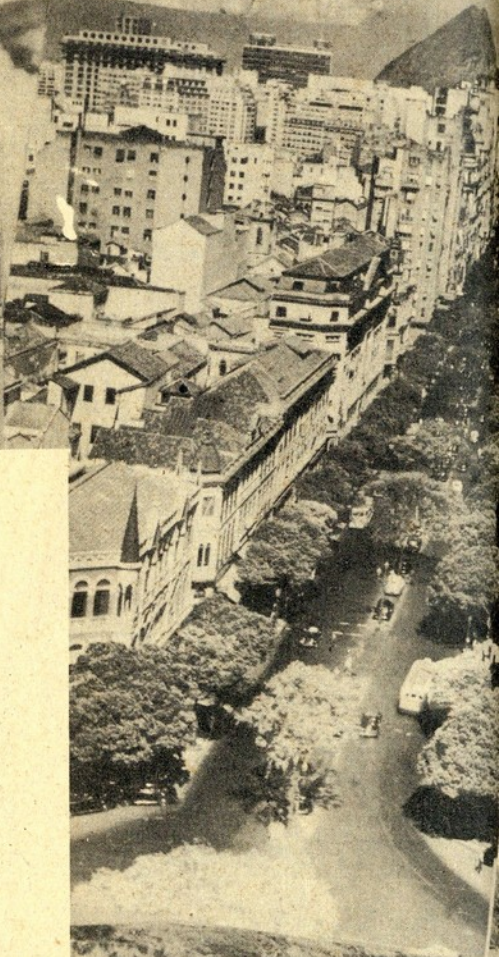
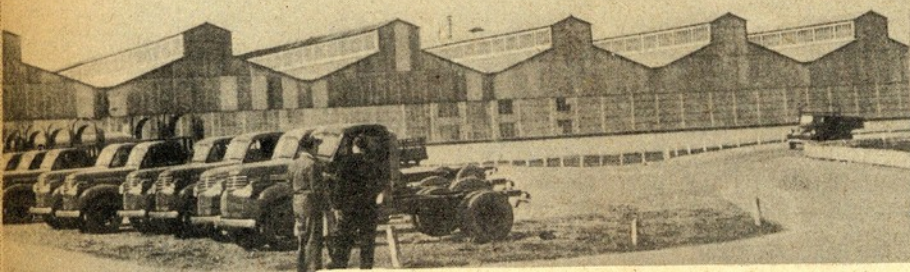
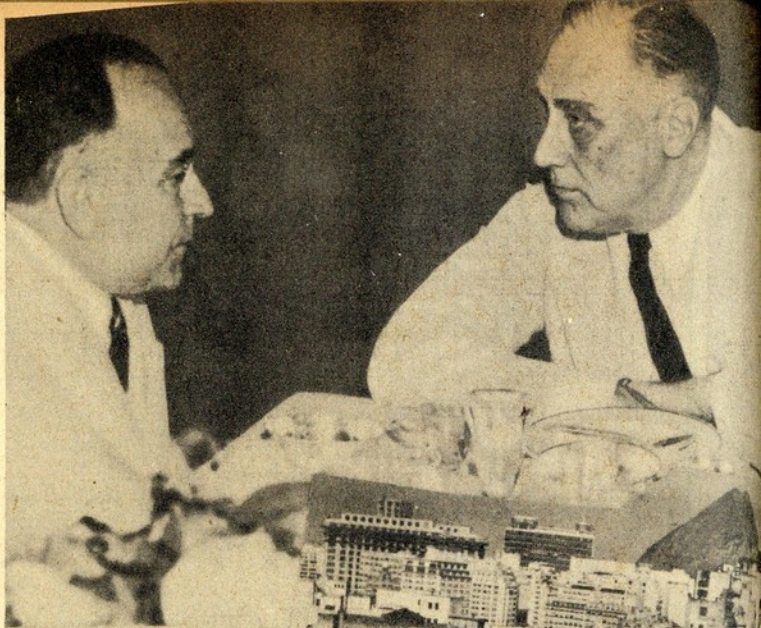
Joel Mc Crex e Veronika Lake, o realizador e a «artista» que se transformam em vagabundos — para conhecer o travo amargo da miséria...





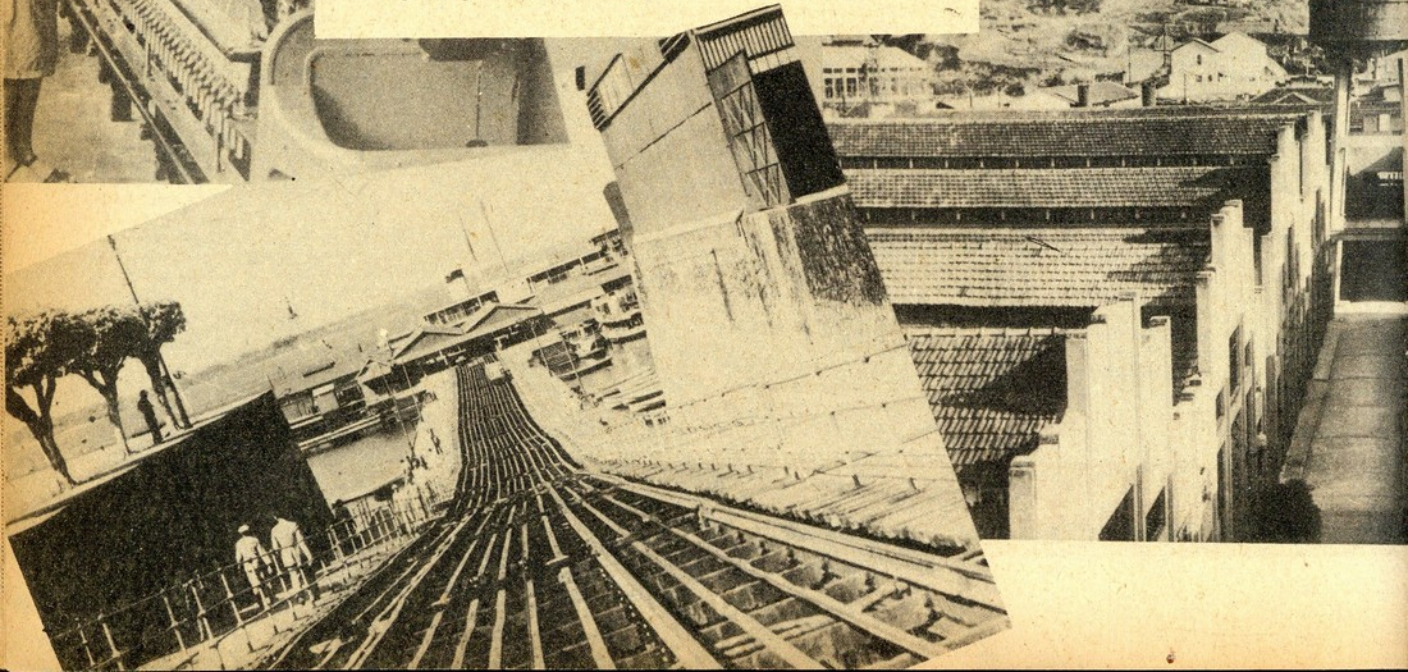
Marika Rokk, ao contrário do que foi noticiado, não morreu. Já não é a primeira nem a segunda vez que as agências «matam» personalidades em evidência, e depois as «ressuscitam». Max Schmelling foi uma das «vítimas». Coube, agora, a vez a Marika Rokk. Aquêles que a viram em «O Estudante Mendigo», «E tu meu amor também vens», e puderam apreciar, em tôda a extensão, os seus dotes de intérprete e bailarina, gostarão de saber que Marika Rokk está viva e bem viva — e que continua a filmar. A morte dela — foi fita...

O BRASIL EM GUERRA



VASTO país de vastos recursos, o Brasil viu-se tomado pela cadeia dos acontecimentos de guerra, que está a fazer ao lado das Nações Unidas, cumprindo escrupulosamente o papel que lhe coube no ataque ao inimigo. As suas indústrias de guerra funcionam agora com assombrosa celeridade: desde as grandes fábricas de aeronaves, no Rio de Janeiro, até às grandes instalações da Fábrica de Projecteis de Artilharia — a maior nação sul-americana contribue poderosamente para o progresso da caminhada final da guerra. As grandes fábricas paulistas de fiação e tecidos — as plantações de algodão e de borracha brasileiras são as maiores da América do Sul — verdadeiras indústrias de paz ao serviço da guerra; as reservas de aço, cobre, manganês, petróleo, e, ainda, de todos os minérios indispensáveis para alimentar a voragem dos campos de batalha, toda a grande produção brasileira está agora a funcionar por conta da guerra. Através dos ares, patrulhando as 4.889 milhas da linha de costa atlântica, a aviação mantém-se vigilante!

O Brasil — terra de gente pacífica e generosa — foi chamado a combater: a sua melhor contribuição está na cedência dos produtos da terra, de uma riqueza infinita. Entretanto, a vida dos homens vai sendo ceifada dia a dia, num propósito de fazer mais e melhor pela paz e pela felicidade dos povos...



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE MIM PRÓPRIO

TENHO aberto sobre a mesa onde escrevo, e junto duma pequena jarra onde se debruçam algumas violetas, um livro, aparecido agora, firmado pelo nome do escritor Pitigrilli, e cuja tradução, transparente de simplicidade, a Editorial Minerva entendeu, e bem, dever lançar no mercado. Intitula-se esse livro «A decadência do paradoxo», mas — caso curioso — este título ou, melhor, o livro que ostenta este título, outra coisa não pretende do que a constatação do cada vez maior triunfo do paradoxo. Quere dizer: o título do volume é, desde logo, um paradoxo. Na verdade, vendo bem, o paradoxo nunca teve, como na época que atravessamos, um sentido tão exacto. A vida tornou-se paradoxal. Todos nós vivemos entre séries, mais ou menos ostentivas, de paradoxos. A política, a literatura, a arte, o amor, não passam hoje, na grande maioria dos casos, de fenómenos caracterizadamente paradoxais. Se o paradoxo é, no fundo, o contraste violento entre o que nos diz o raciocínio vulgar e o nosso raciocínio pessoal, entre o que se pensou sempre, e a sua mais imprevisível contradição, nunca, suponho eu, foi mais violento o choque entre estes dois conceitos e, por conseguinte, nunca foi tão prolifera a existência dos paradoxos. Quando Pitigrilli afirma que o paradoxo está em decadência — não faz mais, afinal, do que proclamar, por antiteze, a sua apologia triunfante. Viva, pois, Sua Ex.^a o Paradoxo!

O PARADOXO DO RACIOCÍNIO

CERTO senhor do século XVIII era casado — e tinha uma amante. Todas as noites, sem perder uma, durante vinte anos seguidos, foi a casa dessa amante. Quando morreu a mulher legítima, disseram-lhe:

— Porque não casas com a tua amante?

— Não — respondeu ele. — Se casasse com ela, onde havia eu de passar as noites?

O PARADOXO DA AMPLIDÃO

EM certa comédia parisiense. Ele e Ela cortam relações.

— Dizes que nunca mais nos encontraremos? O mundo é tão pequeno!

Logo Ela, encolhendo vagamente os ombros:

— Mas Paris é tão grande!



O PARADOXO DA COMÉDIA

O segredo duma boa comédia consiste — já o afirmava Feydeau — em fazer encontradas personagens que, na lógica do mundo, se não deviam encontrar.

O PARADOXO DA ASTRONOMIA

Os astrónomos, depois de altos estudos, concluíram que a Lua era mais útil aos homens do que o Sol porque, de noite, dava luz — e o Sol, de dia, porque havia luz, não servia absolutamente para nada...

O PARADOXO DA LOUCURA

PITIGRILLI conta-nos que, na fachada dum manicómio, em Saragoça, pode ler-se esta sintomática inscrição, digna dum verdadeiro precursor de Pirandello:

— Não somos loucos completamente; nem aqui estão todos...

O PARADOXO DA GUERRA

DURANTE a última guerra, em pleno quartel general, o estado maior discutia acaloradamente, sem se chegar a um acôrdo

perfeito, o plano duma nova ofensiva. Clemenceau, que estava presente não se conteve que não exclamasse, a certa altura:

— A guerra, meus senhores, é uma coisa muito séria para ser dirigida por generais!

O PARADOXO DA VERDADE

SABE-SE, mais ou menos, que a mentira é o inverso da verdade, mas como ninguém sabe, rigorosamente, o que é a verdade, poderá perguntar-se se, na verdade, a mentira existe. Não falta quem afirme que a verdade só existe — para os mentirosos.

O PARADOXO DO CASAMENTO

O dr. X desfazia-se em elogios à sua mulher. Ele jamais conhecera mulher tão terna, tão doce, tão carinhosa, tão afectiva. Era o supra-assumo das mulheres. Era a quinta essência das esposas. O dr. X só lhe conhecia um defeito: êle ter casado com ela!

O PARADOXO DA AMBIÇÃO

MARCO Aurélio exclamou um dia, envolto na sua túnica de filósofo.

— Quisera ser rouxinol, mas Deus castigou a minha ambição — fazendo-me apenas imperador.

O PARADOXO DA MEDICINA

O doente sofre, chama o médico, o médico, o médico receita, o farmacêutico avia a receita, o enfermo toma a droga, insiste na droga, volta a chamar o médico e, apesar de tudo — cura-se.

O PARADOXO DO ANACRONISMO

UM dia, Nero, verdadeiro autoritário romano, que alguns séculos depois acabou numa ópera de Rubinstein, chamou certo escravo e ordenou-lhe:

— Tira-me o retrato.

Logo o escravo, humildemente:

— É impossível, meu senhor. Ainda se não inventou a fotografia!

O PARADOXO DA HEROICIDADE

NO cerco de Toulon, Junot, então simples sargento, escreveu uma carta, com o papel sobre os joelhos, quando um tiro levantou junto dêle uma pequena nuvem de poeira.

— Tanto melhor! — exclamou, olhando a poeira que caíra na carta. — Já não preciso de areia para secar a tinta...

Continuando o paradoxo, Napoleão promoveu-o a marechal.



Stuart 1943

CRÓNICA ALEGRE de um **STUART** POR MANVELA DE AZEVEDO

O Chiado, a esta hora boca da manhã, tem uma paisagem diferente: homens que vão para o emprêgo, caixeirinhas muito preparadas, como se fossem ao chá das cinco, carreiros com sacos de hortaliça

para os grandes hotéis, rapazes de bibe aos quadradinhos, limpando os vidros das montras elegantes... É a paisagem do trabalho, a paisagem humana, sem o côr de rosa e o lustro das tardes do Chiado elegante... Subo até lá acima e de repente tocam-me no braço:

— Como vai a saúdinha? Agarro Stuart pelo «cache-col» que todos lhe conhecemos:

— Você por aqui?

Vamos entrando para um café. Stuart não tem pressa: anda neste vagabundear de arte, à procura de motivos e emoções que êle sabe tão bem transmitir ao papel, naquêle classicismo de ressaibro inglês que ainda mais ninguém soube criar entre nós. Enquanto no sentamos, o artista—êlé é tão brilhante na sua arte que nos cega, exactamente como o Sol que não sabemos olhar de frente—vai falando naquela linguagem pitoresca:

— Cá estamos...

— Você é novo, Stuart... «Cá estamos» é igual a «ficarmos»...

Que quere? A vida deixa-nos ficar sinais de luta... Olhe que nasci a 7 de Março de 1888...

— 55 anos... Em plena posse de tanto poder criador, da arte e de beleza...

— Tenho feito uma vida de judeu errante...

Olho-o bem. Aquele ar «négligé», com a barba a pedir navalha e o casaco a pedir botões—mesmo que lá não faltem—Stuart tem o espírito requintado de um grande artista. Lembra-me uma criança que «pulou» demais na simplicidade atraente das suas fórmulas para expressar, idéias e sentimentos com palavras ou com lápis...

Esse rapaz de Vila Real de Trás-os-Montes que foi criado com o credo na boca, em casa dos viscondes de Chancelheiros, e que aprendeu a ler e a escrever espanhol, antes que aprendesse o português, está aqui à mesa de um café e faz-me confidências, numa conversa escrita, que é única na sua vida...

REPROVADO EM DESENHO

— Quando vim de Huelvas, tinha

já 6 anos e precisei de aprender português. Na escola, fazia uns bonecos recortados que espetava na sola das botas e punha os pés a espertear por cima das carteiras... Era uma sessão de fantosches que provocava a risota dos companheiros e as palmataadas da menina dos cinco olhos, nas minhas mãos...

— E a respeito de desenho?...

— Meu pai, que era engenheiro de minas, trouxe-me para Lisboa, depois de eu fazer exame no liceu da Évora, onde fiquei reprovado em desenho... Em Lisboa, continuei os estudos. O que eu gostava do professor Benavente, do Instituto António Cabreira! O diabo eram as anedotas... Ia para o recreio contar histórias aos companheiros e fazia-os perder as aulas. Aquilo deu tanto nas vistas, que os professores, reunidos, mandaram-me chamar: «então, o que é que o menino faz para estragar os seus companheiros?» — Nada, sr. professor... Mas agora, por causa desta pergunta, os senhores fizeram-me lembrar...» E as anedotas ferveram e os professores esqueceram-se de que eram horas de ir para a aula... Um safardana, sabe, um safardana é que eu era!

— Depois, a carreira artística...

— Olhe, a bem dizer, comeci-a no atelier de Jorge Colaço. Trabalhava nos azulejos: 5 mil reis por cada metro quadrado. E então eu, para evitar trabalho, fazia só paisagens sem árvores. Por fim, o mestre já me dizia: «homem, mas isto só são nuvens, mais nuvens...» Nessa altura, Jorge Colaço fazia as páginas humorísticas do «Século» e foi deitando o ôlho para os trabalhos dêle que me ensaei...

— Era o princípio...

COMEÇA A BRILHAR O LÁPIS...

Stuart bate a ponta do segundo cigarro que vai fumar:

— Meu pai que tinha a mania da arqueologia, fôra a Tôrres Novas fazer o estudo de umas antas e precisou lá de mim. O Acácio de Paiva, que dirigia o suplemento humorístico, não queria que eu fôsse, mas comprometi-me a mandar a obra... Afinal, para lhe mandar, só tive umas paisagens a óleo, feitas em Olhos de Água... O berreiro que êle fez!...

E, com um âparte fatalista:

— Mas eu não me ralei...

Realmente, Stuart nunca se ralou, porque êle não passa pela vida: a vida é que passa por êle, limitando-se a aparar-lhe os golpes:

— Foi nessa altura que apareceu o suplemento infantil de «O Século», com o «Quim» e o «Manecas». O José, o filho do Silva Graça, pediu-me uma idéia. Pensei voltei, a pensar e, pela primeira vez entre nós, surgiu um mundo de imagens para os miudinhos. Além do «Quim» e do «Manecas», havia a «tia Lascó-dia», o «Nariz de Fôlha», o «Braço de Prata», o «Polícia e o «cão piloto»...

Quem não se lembra — de nós todos os que temos mais de 20 anos — da «família do Stuart? Quem não seguiu emocionado esse romance em folhetins, palpitantes de vida?

— Mais tarde, até se fez um filme de que eu fui realizador e de que foram intérpretes por exemplo, Octávio de Matos, Jorge Clímaco... O Artur Emauz foi o capitalista e a fita correu no Coliseu da rua da Palma...

Stuart volta a pegar no fio da meada:

— Meu pai tinha ido para a Guarda explorar volfrâmio e eu fiquei aqui na paródia, a coberto de intenções de estudo...

UMA PROPOSTA INESPERADA

— Usava os cabelos soltos ao vento, um rôlo de papéis debaixo do braço... e um desejo imenso de visitar Paris! Era o ante-guerra. Um dia, passava defronte do «Martinho», quando o José Pacheco — ele escrevia com um k — arquiteto pela graça de Deus, como ele próprio dizia, me chamou misteriosamente. Estava com o Valentim Talone e o Carlos Franco e fizeram-me esta pergunta à queima-roupa: «Eh! pá, queres ir a Paris?» Meteram-me um bilhete na algibeira e levaram-me com a minha inexperiência e a minha ânsia de realizações novas. Hei-de contar-lhe um dia o que foi a minha aventura em França. Uma aventura trágica que escreveremos num livro que há-de chamar-se «A crónica de um Stuart...»

— Já sei: fome, promessas, delusões, o costume...

— É pior, há-de ver. Para começar, digo-lhe que logo no Entroncamento me roubaram o chapéu... E quando cheguei a Paris e me fecharam num quarto sem janela do «sixième étage», que é o andar onde dormem as criadas de cada prédio, nem água tinha para dissolver as aguarelas. A primeira impressão maravilhosa que colhei, fora no Sena: uma manhã de nevoeiro, com as luzes dos «péniches» a deslisar ao rio...

UMA HISTÓRIA DE FADAS

— Passei fome, no «sixième», onde só à noite me iam buscar, para a pândega da «Taverne de Paris», onde senti o deslumbramento das decorações de Steinlen, Léandre e Willette. Os dias conti-

nuava a passá-los fechado, até ao dia em que apareceu uma criada do prédio, a Louiseite Vidalli, que teve pena da minha triste vida. Passei a ter almoço e a ter jantar, e quando as seis criadas do prédio souberam dos seus diálogos por mim — não lhe digo nada: passei a ter seis almoços e seis jantares cada dia... Mas a Louiseite, essa é que me prendeu. E um dia que viu os meus desenhos, levou-os ao patrão, o patrão deu-ao director do «Gil Blas» — e daí a pouco já estava a fazer furor com os meus exclusivos e páginas humorísticas...

— Vida nova...

— 500 francos por mês, vida de príncipe, um quarto e a Louiseite... A Louiseite! Que rapariga! Uma criada de 17 anos, tão diferente das nossas serviçais... Num dia de anos, ofereci-lhe uma estampa de mau gosto, comprara no alfarrabista, julgando que era prenda a seu jeito. Sabe o que ela me disse? «Tu, um artista por que não me destes um esbôço dos teus?» Fiquei envergonhado. Afinal a minha Louiseite lia Balzac, Bourget e comentava as «Memórias de uma criada de quarto...» de Octav e Mirbeau. Foi ela o meu talismã e nem sei como a perdi numa volta da vida...

— Recordações pitorescas, de Paris?...

— No fundo, sempre amargas. Cada vez que me lembro dos apertos que passei... Sabe lá! Sempre todos sem vintem e o estômago a pedir... Às vezes entrávamos num «restaurant» e, depois da despesa feita, um ficava como refém. Os outros saíam a arranjar «massa» para pagar a «bucha...» Quantas vezes tinha de ficar um dia inteiro à mesa do café...

— Qual foi o trabalho de que recebi mais dinheiro?

— Olhe, com a decoração de uma «batota»: no Ritz Club, das 6 da manhã às 6 da tarde, ganhei 7 contos...

— Não ajudou a decorar o «Café da Brasileira?»

ARTE... PELA VIDA...

— Ui, que escândalo, nem me fale nisso! Você sabe lá, juntava-se ali a «malta» futurista, os revolucionários da arte, todos aqueles que trabalhavam fora dos canones... Era o Rui Coelho, era o Almada Negreiros, o Amadeu de Sousa Cardoso, o Diogo de Macedo, o Armando Bastos, o Augusto de Santa Rita, Jorge Barradas, Eduardo Viana, António Ferro e Augusto F. Gomes. Bernardo Marques, Sá Carneiro, Fernando Pessoa António Soares e José Pacheco, Henrique e Francisco Franco... Eu sei lá que de gente: pintores e artistas das letras, músicos e escultores, percussores da arte nova, de tudo o que hoje se faz, verdadeiras tropas de choque, sujeitas aos embates mais violentos da crítica... Hoje, muitos deles procuraram nas formas clássicas a grã-ática que faltava à sua arte

que deixava já para outro século a técnica interpretativa de Columbano, Carlos Reis e Malhã...

— E foram esses novos...

— Que o gerente da «Brasileira» procurou para lhe decorar a casa — uns malucos, como o público dizia, sem compreender. Todos acharam que aquilo era uma chuchadeira mas o tempo veio dar razão àqueles novos que já são hoje consagrados... Enfim, a maior parte dos rapazes nunca tinham ganho tanto, porque tudo aquilo foi realmente bem pago... Parece que estou a ver o João Franco, o criado da «Brasileira», a dizer muito embasbacado, diante das decorações: «sim, senhores, saíu a todos a sorte grande mas o sr. Stuart é que deitou a areia!» De facto, no meu quadro havia um carrito subindo a encosta, carregado de areia...

— Qual o género de trabalhos que mais gosta de fazer?

— Se não fosse ilustrador e caricaturista até à médula havia de ser paisagista...

— Fica sempre contente com os seus trabalhos?

— Às vezes! Olhe, estou a lembrar-me de que, uma vez, ia opalhando uma sova de um carneiro...

— Conte lá...

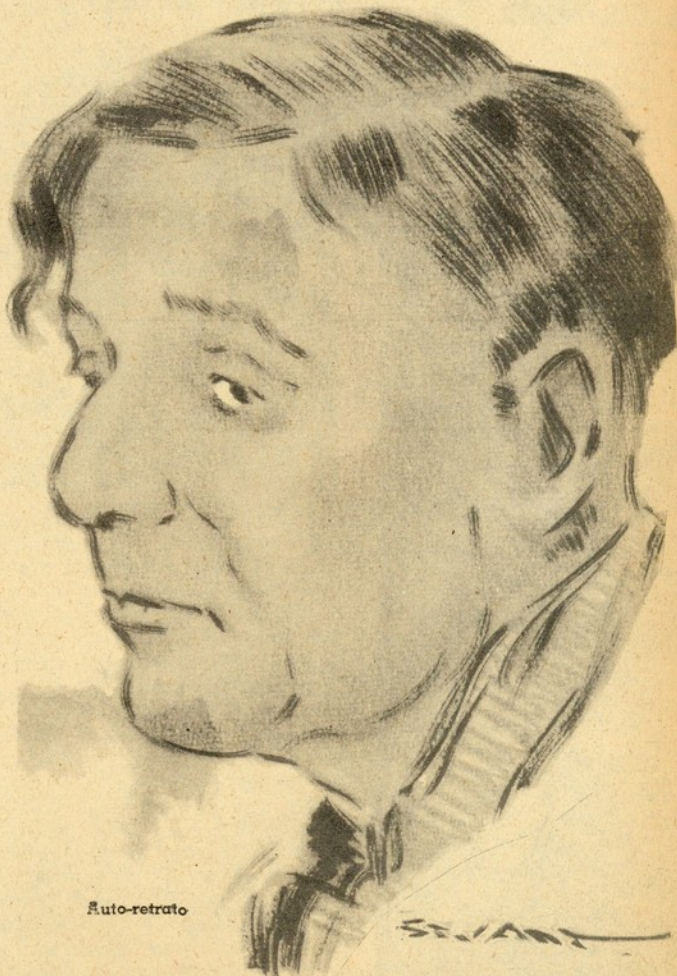
— Ali para o Largo do Rato, havia um teatro. Eu ia muito por lá e passei a ser conhecido de um homem que tinha perto um talho. Um dia, o carneiro veio dizer-me que a mulher ia fazer anos e que queria oferecer-lhe o retrato dele o «crayon», feito por mim. Eu nunca tive grande queda para o retrato. Mas aceitei, eram 5 mil reis... Fui para casa, estudei a fotografia que o homem me deu e deitei-me ao

trabalho. Quando cheguei ao fim, não gostei. O homem tinha um grande bigode e um sinal cabeludo muito frisado que eu exagerei sem querer e, enfim, aquilo tinha um ar de caricatura... Mas era preciso entregar o retrato na manhã seguinte... Quando cheguei ao talho, desenrolei aquilo devagarinho e comecei a ver o homem a abrir os olhos, a abrir os olhos... De repente, ele abaixa-se, rapa de uma tábua de boi e avança para mim: «ah! seu malandro, vá fazer pouco do seu pai!»

O Stuart ria a bom rir e quando vamos já a sair, ainda me conta:

— Nós tínhamos uma espécie de república onde se reuniam lá o Hipólito Colombo, o Adriano Costa e muitos outros incluindo um rapaz de côr, o Boulanger, que andava nas Belas Artes, subsidiado pelo Ventura Terra... O diabo do rapaz, palavra de honra, gostava do fino sangue da uva... Um dia, arranjava lá uma bacalhoad e mandámo-lo buscar o vinho no garrafão... Na ausência dele, mudámos os trastes da sala de entrada, para podermos pôr a mesa, e fomos lá para dentro... A certa altura, começamos a estranhar a demora do Boulanger e fomos procurá-lo: esgarrafão entre as pernas, à espera que a sala voltasse... O patife tinha bebido tanto que, quando viu a casa transformada, não a reconheceu e concluiu que se tinha mudado...

Stuart esse abencerragem da galante boémia lisboeta que está a perder os últimos reflexos de espírito bizarro — diz-me ainda muito mais. Mas contá-lo leva tempo — e fica para outra vez...



Auto-retrato

Vida
MUNDIAL
e ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º —
Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Ber-
trand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

OS ARTISTAS SAMADORES da rádio portuguesa que mais trabalham ao microfone da E.N.



Milu — a «Milu» Rádio — tal qual se apresenta em público, cantando em dos seus famosos tangos



Maria del Carmen — no estúdio da E.N. — depois de interpretar uma das suas conhecidas canções

Em baixo: o «Quarteto Vocal», da Orquestra Típica Portuguesa, dirigido pelo maestro Belo Marques, é composto pelos artistas, tenores Orlando Setineli e Tito Lívio, barítono Manuel Lereño e baixo Alberto Afonso



À direita: Maria Teresa de Noronha — considerada, e justamente, a melhor amadora que canta o fado — com os seus acompanhadores: guitarrista Fernando Pinto Coelho e viola Abel Negrão



LÉAMOS algures — não tão algures que não nos tenha ficado na memória o seu conceito — o seguinte: «Em matéria de rádio, dê-se ao ouvinte o que ele quer — e ele não quer cultura.»

Realmente assim é: tudo o que é cultura, ou a ela tenha relação, causa aos rádio-ouvintes aborrecimento. E, diremos até, volta o botão do receptor com uma orgulhosa idéa de si mesmo.

O que escrevemos atrás, vem a propósito de se apresentar hoje, nesta dupla página, aos leitores de «Vida Mundial Ilustrada», os artistas de variedades «mais em voga» — ou seja, mais ouvidos, na rádio portuguesa.

A missão da rádio — missão hoje deturpada — seria, realmente, levar a cultura a casa de cada um, especialmente no que diz respeito à arte e à ciência. Tal, porém, não sucede. Os tempos vão mau, tão mau, que só se pensa em ouvir rádio para divertir, para esquecer o «dia-a-dia» — para

saber notícias e o que vai pelo mundo. Talvez no futuro — e no futuro próximo — a missão da rádio seja outra. Hoje não é. Hoje, o rádio-ouvinte deseja esquecer as grandes atrocidades que o aparelha e que é obrigado a conhecer — e, até, a ter conhecimento obrigatório, pelas palavras que entram pela casa dentro, através desse minúsculo aparelho que é o portador, acima da imprensa, das notícias da guerra...

Mas — esqueça-se a guerra. Neste cantinho abençoado da Europa, o português, que ouve a B. B. C. ou Berlim, também — e ouve bem — os artistas da rádio portuguesa — artistas que criaram um tipo no campo da arte.

Os artistas da rádio nascem como cogumelos. No entanto, entre tantos, os que mostramos aos leitores, são os mais queridos, os mais conhecidos e os que mais nos estão no ouvido...

A. DE



Oscar de Lemos e Arrênio Silva — o dueto já popular, que os rádio-ouvintes não dispensam nas «Horas de Variedades», nos programas «Para os Soldados de Portugal» e nos «Serões Recreativos para Operários»

Em baixo — As irmãs Remartinez, gentil conjunto, cujas vozes se confundem, e que de há muito fazem parte dos programas de variedades da E.N.



Maria da Graça, talvez a precursora imitadora dos sambas e das cantigas brasileiras, que tantos apreciadores conta nos rádio-ouvintes portugueses

À esquerda: Maria Sidónio, a vedeta que trocou o microfone pelo palco, onde criou o número «Hora da Saúde», que tantos aplausos obteve do público

Em baixo: A gentil Maria Gabriela, a «voz linda da rádio», que tanta interpreta trechos de ópera como canções populares



Os homens de quem se falou em 1942

POR Carlos Ferrão

O ano de 1942 foi um período decisivo na evolução desta guerra. Quais foram as individualidades que, nos vários países beligerantes, condicionaram essa evolução e lhe deram características especiais? Não é raro encontrarmos na imprensa estrangeira extensos inquéritos a esse respeito com que se procura sondar o sentimento popular sobre a estima, o respeito e a consideração que despertou a acção de algumas dessas individualidades e a antipatia, a hostilidade e a cólera que outras suscitaram. Em 1942, quais foram os homens que, nos dois campos de beligerantes, fizeram, como costuma dizer-se, a «vedeta» dos jornais de grande informação ou monopolizaram o interesse do público?

Em Inglaterra, na fase mais aguda e delicada da guerra, o homem que ocupou as atenções gerais não foi um chefe militar categorizado ou prestigioso. Foi o mais pacífico e inofensivo dos cidadãos. O seu nome é hoje conhecido por toda a parte e unanimemente apreciado. Chama-se William Beveridge. Não ganhou nenhuma batalha importante, não ordenou nenhuma retirada providencial. Limitou-se a elaborar um plano que se destina a revolucionar pacificamente a estrutura da vida inglesa. Esta circunstância deve considerar-se como um sintoma da significação que os ingleses atribuem aos problemas do «post-guerra», certamente mais valiosos e na sua essência mais importantes do que aqueles que directamente se relacionam com a guerra e com a sua marcha.

Depois de sir William Beveridge, o homem que alcançou em 1942 uma popularidade maior em Inglaterra, foi um militar, o general Montgomery. A sua figura esguia e os seus modos aparentemente excêntricos contribuíram, quasi tanto, como o papel decisivo que teve no desenvolvimento da batalha africana, para o celebrizá-lo. Montgomery desencadeou, em 24 de Outubro do ano passado, uma ofensiva de grande estilo contra a frente germano-italiana no Egipto e ao fim de dois meses de esforços incessantes atingiu Tripoli. Títulos bastantes para justificar a consideração dos seus compatriotas

e a admiração dos críticos militares mais exigentes.

A Inglaterra continuou, em 1942, a manter a sua admiração calorosa pelos homens do mar, Barnett, Harcour, Vian. Andrew Cunningham voltou a sentir o favor do público pela sua acção durante o desembarque no Norte de África. O herói da batalha do Rio da Prata, Harwood, encarregado de comandar a esquadra do Mediterrâneo, teve ocasião de pôr, mais uma vez, à prova as suas qualidades de marinheiro sabedor e ousado.

Na Alemanha, a figura mais popular de 1942 foi o marechal Erwin Rommel. A sua marcha fulminante sobre o Egipto, coroada por uma viagem triunfal a Berlim, onde foi aclamadíssimo no Palácio dos Desportos, durante uma reunião do partido, criou à sua volta uma aura justificada de heroísmo e de superior capacidade monobradadora. A retirada que se viu obrigado a realizar com o «Áfrika Korps», foi ainda realizada em condições de não deslustrar a sua reputação de soldado. Os outros chefes militares do Reich de quem muito se falou em 1942, foram o general Halder, que desempenhava as funções de chefe do Estado Maior, de que foi demitido, e o seu camarada Zeitzler, que o substituiu. Além destes muito se falou, também, a propósito da sua demissão, do marechal von Boch, que comandou as forças alemãs durante a primeira fase da batalha de Estalinegrado. O almirante Doenitz, chefe dos submarinos do Reich, foi igualmente muito falado. A reputação que alcançou justificou a sua escolha recente para o cargo de comandante chefe de toda a esquadra alemã, em substituição do almirante Raeder, que há muito tempo desempenhava estas funções.

Nos Estados Unidos, o nome que alcançou maior popularidade, em 1942, foi o do general Mac Arthur. Depois da defesa heróica das Filipinas, que permitiu fazer chegar à Austrália os primeiros reforços americanos, o general Mac Arthur distinguiu-se organizando eficazmente a defesa do continente australiano e desencadeando as primeiras contra-ofensivas americanas com êxito na Nova Guiné e nas Salomão.

Com o nome de Mac Arthur, o nome do almirante Nimitz, criador da nova estratégia aero-naval que tão bons resultados produziu nas

batalhas de Midway e do Mar de Coral, teve grande voga. Dos civis foi a figura de Wendell Willkie a mais discutida, embora nem todos os americanos concordem com os seus conhecidos pontos de vista sobre a condução da guerra e a organização da paz. Os homens que prepararam e executaram o golpe do Norte de África, viram a sua acção, decisiva sob muitos pontos de vista, apreciada e louvada. Foram os diplomatas admirante Leahy e Robert Murphy e os generais Eisenhower e Clark. O general Doolittle, herói do «raid» aéreo a Tóquio, voltou a conhecer a celebridade, associando o seu nome ao daqueles generais, pois lhe foi confiado o comando da aviação americana naquele teatro da guerra.

No Japão, a personalidade do chefe do governo, general Tojo, dominou o conjunto da situação política e militar. A sua atitude continua a ser a da mais absoluta intransigência no tocante à condução da guerra e à solidariedade com as outras potências signatárias do pacto tripartido. Para o general Tojo, não é possível nenhuma solução de compromisso com as potências anglo-saxónicas, qualquer que seja o desenlace da luta na Europa.

A França vencida, atravessando um dos períodos mais graves da sua história, conheceu alguns nomes célebres na política, no exército e na armada. O chefe do governo francês, Pierre Laval, voltou a assumir estas funções, depois de uma longa ausência do poder, do qual fóra afastado em 13 de Dezembro de 1940, em condições que faziam prever a iminência de graves acontecimentos. Pierre Laval regressou ao poder para praticar a política de colaboração com o Reich. Essa orientação tem, como se sabe, dividido profundamente a opinião pública em França, bastando essa circunstância para justificar as discussões suscitadas pela personalidade de Pierre Laval.

Em França, os nomes do almirante Darlan e do general Giraud quasi monopolizaram, durante o último trimestre de 1942, o interesse do público. Os seus nomes não conheceram a celebridade apenas dentro das fronteiras francesas. O desembarque no Norte de África contribuiu poderosamente para isso. O general Giraud foi a figura central que deu viabi-

lidade a essa operação, de uma importância decisiva para a evolução da guerra. O almirante Darlan, pela posição que pessoalmente ocupava, facilitou, inesperadamente talvez, o êxito do desembarque.

Dois nomes que se ilustraram, no decurso de 1942, foram o do marechal Smuts e o do general Mihailovich. O marechal Smuts foi a personalidade designada pelas Nações Unidas para anunciar solenemente que estas iam passar à ofensiva. O discurso que, para esse efeito, proferiu na Câmara dos Comuns teve um significado mundial e uma repercussão vulgar. O marechal Smuts advogado sempre a necessidade de intensificar as operações no continente africano como base indispensável para organizar um ataque eficaz ao continente europeu. O general Mihailovich foi a alma da resistência na Jugoslávia. Essa resistência tem um significado que excede as proporções de um incidente local e deve considerar-se no quadro geral do plano ofensivo dos aliados. A nomeação do general Mihailovich para ministro da Guerra do governo iugoslavo, actualmente instalado em Londres, foi a consagração, não apenas do seu esforço militar, mas do significado político que esse esforço comporta.

Embora com uma projecção menor, podem citar-se, nos países que indicámos, como personalidades que conheceram uma nomeada vulgar durante o ano de 1942, os de sir Stafford Cripps, em Inglaterra, do construtor Kaiser, nos Estados Unidos, do engenheiro Speer, na Alemanha, e do antigo presidente do conselho Eduardo Herriot, em França. O primeiro teve um papel de destaque nas tentativas feitas para resolver o problema da Índia; o segundo revelou-se como uma das mais vigorosas individualidades da indústria de guerra norte-americana; o terceiro recolheu a pesada herança de Mr. Todt; o último afirmou-se em vigorosa oposição à política de aproximação entre o seu país e o Reich.

Na Rússia o chefe do Estado Maior Chapochnikov e o general Zukhov, recentemente promovido ao posto de marechal, prepararam e realizaram a contra-ofensiva de Inverno actualmente em curso.



OS
ultimos
modelos
*** de ***
inverno
apresentados
na
Exposição
de
MILÃO



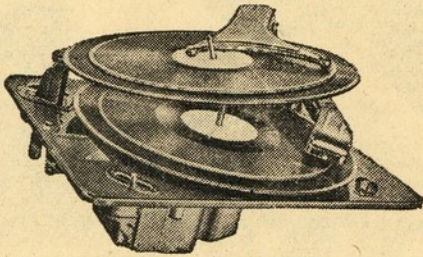
DISCOFONES

COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS

em caixas de madeira de belo acabamento

permitindo a audição de 8 discos grandes e pequenos sem qualquer interrupção.

O APARELHO IDEAL PARA OS AMADORES DE BOA MÚSICA



Concertos, Sinfonias, Sonatas

e tôdas as obras com 3 ou mais discos em gravações especiais próprios para serem reproduzidos automaticamente.

Demonstrações nos

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

Fernando Fragoso

À VENDA
UMA NOVA EDIÇÃO DE
«VIDA MUNDIAL»

**HOLLYWOOD
EM LISBOA**

**HOLLYWOOD
EM LISBOA**

VIDA MUNDIAL EDITORA

As grandes vedetas de cinema, que a guerra trouxe a Portugal, entrevistadas e retratadas por

FERNANDO FRAGOSO

que as apresenta tais como são na vida real, longe do ambiente dos estúdios, fora da mentira da publicidade!

Verdade sobre CHARLES BOYER, VIVIEN LEIGH, TYRONE POWER, JAN KIEPURA, MICHÈLE MORGAN, MADELEINE CARROLL, RAMON NOVARRO, JEAN GABIN, MARTHA EGGERTH, LOUIS JOUVET, SIMONE SIMON, PADEREWSKY, ERIC VON STROHEIM, ANNA NEAGLE, POLA NEGRI, LAURENCE OLIVIER, BEBE DANIELS, ETC.

Distribuidores gerais:

Agência Internacional — Rua S. Nicolau, 119 — Lisboa



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10,45	Noticiário	24,92 m. (12,04 mc/s)
		19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
12,15	Noticiário e Actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
		19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
21,00	Noticiário e Actualidades	42,11 m. (7,13 mc/s)
		41,75 m. (7,19 mc/s)
		31,75 m. (9,45 mc/s)
		30,96 m. (9,69 mc/s)
		261,10 m. (1,149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

O RETRATO DA AVÓ SINHA

Uma novela de Arlete Lopes Navarro

O vento trazia um som trovejante, que repercutia pelo espaço, até à aldeia, onde há trinta e cinco anos residia o português Carlos Borges.

Perto da noite, o ruído cessou. E só então a Rosa ergueu os olhos para o avô, murmurando baixinho, como num sópo:

—Entfim! Calou-se a voz do gigante que ecoa ameaçadora.

Num sorriso, revestindo de confiança a sua declaração, o velho pronunciou:

—Não receio a invasão inglesa. E dando uma gargalhada, soante como o filitar duma moeda falsa, o português prosseguiu:

—Não temo o insucesso dos alemães! Eles são...

A frase foi terminada pela voz irónica da rapariga:

—Os leões, a quem um príncipe guerreiro decepa as cabeças, golpe a golpe.

Admirado pela declaração da neta, Carlos Borges exclamou:

—Então o teu gigante é...

De novo a voz da rapariga se ouviu, mas mais vibrante e emocionada:

—A fôrça inglesa. Várias rugas acentuaram-se fortemente na fronte de Carlos Borges.

—Lembra-te que vivo na Alemanha há trinta e cinco anos. Sou quasi um...

Num grito a rapariga declarou, erguendo altivamente a cabeça e fitando o avô, com os olhos desmedidamente abertos, receosa que ele proferisse a palavra que ela impedira de ser pronunciada:

—Tu és um português!

A Rosa aproximou-se do avô, sentou-se no braço do «maple», onde aquêle descansava e encostou o rosto rosado à face magra do velho, que teimosamente insistia:

—A minha terra é esta. A minha casa... a herdade...

A voz da neta interrompeu, profética:

—Eles tas destruirão! Este lado da aldeia está sentenciado a desaparecer, para concentração das tropas alemãs.

Pescado silêncio se estabeleceu na sala, onde avô e neta sentiam a angústia da incerteza.

—«És português».

As palavras de Rosa, vibrantes de emoção, soavam ainda aos seus ouvidos. Sim, éle era português. Emigrara quando morrera a mulher, a sua doce companheira, a eterna noiva do seu coração sempre noivo. Louco de dor, partira para longe, onde um amigo expatriado lhe estendia os braços carinhosamente, incitando-o a combater o seu desfinamento moral.

A energia com que revestiu a sua vontade, rejuvenesceu-lhe a coragem, fortificando-a.

E as transformações contínuas que a Natureza opera nos vegetais, nos irracionais e nos seres humanos, exerceu na vida e no físico de Carlos Borges, a maior

influência do seu poder: os cabelos embranqueceram, o rosto emmagreceu e a sua testa ficou marcada de linhas paralelas, como uma pauta musical. A fortuna, sempre dêle afastada, procurou-o e instalou-se caprichosamente.

Aquela terra a sua! Ele pertencia à Alemanha! Português? Quasi o esquecera no decorrer dos anos, apesar das cartas que o filho lhe enviara de Portugal, repassadas de ternura. Desejo de voltar nunca sentira. Apenas saudades do lar que perdera, do sorriso meigo da espôsa, a sua sempre noiva, que ficara gravado na fotografia emoldurada e pendurada no seu quarto, em frente do seu leito! E era tudo que possuía de Portugal! Da sua vida de português! Da sua felicidade passada!

Mas, um dia, alguém veio recor-

bara inerte à sua porta.

—Um inimigo!... — exclamou Carlos Borges, estupefacto.

—Avôzinho! — lembrou a pequena — Nós somos portugueses!

Então, como as palavras da neta lhe indicassem o seu dever, o velho olhou em volta, tudo quanto a vista abrangia e, erguendo nos braços o corpo do militar, com uma fôrça imprópria da sua idade, foi cuidadosamente deitá-lo na própria cama.

Rosa, que fechara a porta, seguiu o avô, perguntando-lhe:

—Não o entregas, pois não? Tratemos dêle, não é verdade? Concordas em prestar-lhe todo o teu auxilio?

Carlos Borges fitou a neta, sorriu complacente e deixou sair a resposta:

—É nosso hóspede!

E o «hóspede», com os proficien-

tes, a eterna noiva do seu avôzinho, que parecia aprovar aquela protecção.

Na tarde seguinte, o ribombar da artilharia fêz-se de novo ouvir, mais forte e mais apavorante, misturando-se com a gritaria, ensurdecadora, de vozes atemorizadas.

O português abriu a janela do quarto e inquiriu a causa da vulgar agitação.

—Fujam! Fujam! — gritava o povo, sem responder directamente ao velho Carlos Borges.

—As tropas vêm tomar posições na herdade do português...

—Este lado da aldeia vai ficar destruído!

—Os militares vão fazer, aqui, um campo de concentração.

As frases explicativas que os alemães trocavam entre si, na justificação da fuga, chegavam aos ouvidos do velho, claras e elucidativas.

O ruído do canhão ensurdecava os habitantes da aldeia, que gritavam aterrORIZADOS:

—Fujam! Fujam! As nossas casas vão ser destruídas!

Carlos Borges fechou a janela e olhou a neta, que tristemente murmurava:

—A nossa casa!... A nossa herdade!

Significativamente, recordando as palavras proféticas de Rosa, proferiu automaticamente, perante o desmoronamento do seu trabalho de trinta e cinco anos:

—«Eles tas destruirão!»

Mas de novo a energia lhe resuscitava o apêgo à vida, sacudindo-o do seu abatimento e fazendo-o gritar:

—A lava do vulcão não perdoa quem atinge! Mas eu saberei fugir dos seus beijos incandescentes.

Então, com as mãos nervosas, abriu freneticamente o guarda-roupa. Vestiu um capote, atirou um sobretudo ao oficial, para que a tarde o não identificasse, guardou nas algibeiras papéis e dinheiro, enquanto a neta envergava rapidamente um casaco e, abrindo a porta, safou para a rua, seguido dos dois jovens.

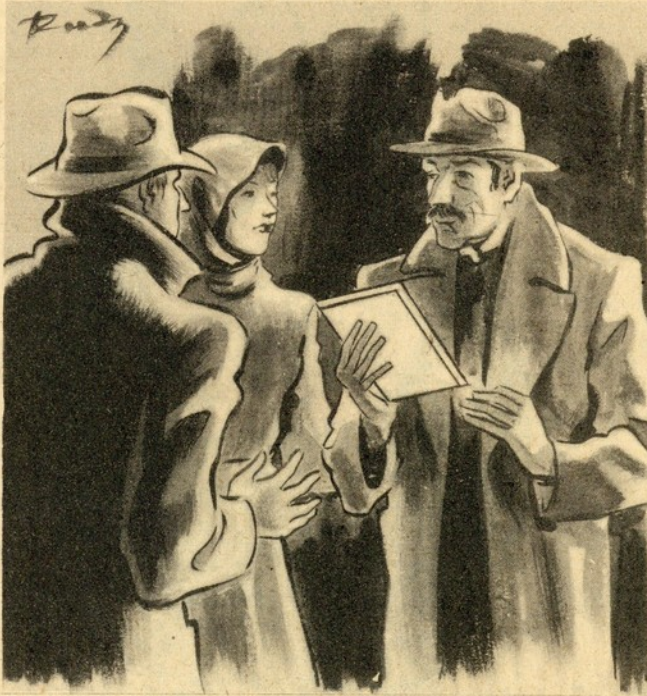
O atocador e inesquecível ruído do canhão dir-se-ia que empurrava os fugitivos e os levava a caminhar apressadamente. E quando o velho se voltou, para contemplar pela última vez a casa onde vivera trinta e cinco anos, ela quasi se perdia na distância.

O povo continuava a correr alucinadamente. Cruzava-se com os soldados que o empurrava quando lhe dificultava a marcha. Tudo era confusão, lamentações e gritos. De repente, um grito agudo retiniu por sobre os outros. Rosa e o inglês olharam Carlos Borges, que se voltara na sua frente. Havia no seu olhar angustiado e na sua boca aberta pelo psmo, vislumbres de loucura.

—Avô! Avô! — clamou a pequena, sacudindo-lhe um braço, para o arrancar aquêles torpor.

Perante a máscara de dor afixada ao rosto do velhinho, o mi-

(Continua na pág. 22)



dar ao velho expatriado a sua nacionalidade! A sua neta! A linda Rosa, então uma criança!... Era o legado que o filho lhe deixara ao morrer...

O emigrado ergueu a cabeça e fitou o retrato, que na parede do seu quarto lhe sorria.

Subitamente, o seu olhar nublado e interrogativo, fixou-se em Rosa. A rapariga ergueu-se e murmurou baixinho, como a médo:

—Bateram à porta!

Os criados haviam partido, fugindo ao perigo, como algumas pessoas da aldeia, menos corajosas.

Avô e neta dirigiram-se hesitantes para a porta da rua e abriram-na.

Um soldado inglês, com o fato sujo, roto e ensangüentado, tom-

tes cuidados do velho e da neta, melhorou, conseguindo contar a sua odisseia resumidamente, com ar modesto mas heróico.

Na luta renhida travada na fronteira, o tenente ficara ferido, entre os mortos que gloriosamente haviam sacrificado a vida, numa oferta voluntária e honrosa. Mas como o destino caprichasse em poupá-lo, incutiu-lhe a coragem necessária para reagir e revigorar-lhe a vontade de viver.

Durante horas de luta, entre o perigo de ser vencido pela morte e o desejo de ser vencedor, foi cair, exausto e exangue, conseguindo, num último esforço, gritar pela vida, no seu apêlo mudo de socorro, ao erguer o batente daquela porta desconhecida.

Rosa ouviu, emocionada, a descrição do valoroso oficial inglês, com o mesmo sorriso lindo que havia nos lábios da «sempre not-

Figuras da Vida
MUNDIAL



O Dr. Getúlio Vargas, Presidente do Brasil
(Visto por SANTANA)

panorama internacional

A GUERRA

atras vozes

por Francisco Velloso

DESDE os dias do fim do ano passado, a balança da guerra tem oscilado entre dois polos: a contra-ofensiva russa a leste, que remata uma batalha gigantesca de dezasseis meses, e o facto politico-militar, verdadeiramente transcendente, da expedição norte-americana ao norte da África francesa. Tudo, ou quasi tudo, como temos visto, converge ao espaço entre uma e a outra. Nesse espaço, ficam como factos salientes as declarações dos chefes dos povos em guerra, que, de certo modo, sustêm as ansiedades com que os povos se interrogam sobre a hora em que, conforme o compromisso já renovado no centro de vilegiatura de Afana, nos subúrbios de Casablanca, os exércitos Aliados passarão ao assalto.

Como nas orientações de referência geográfica, essas declarações correm na linha alta dos cumes. Através de todos os contornos, os seus autores não podem ocultar o essencial das decisões e directrizes que tomam.

Vimos já as de Goering e lemos as de Adolfo Hitler. Passaram, de-

pois, a de Roosevelt na sua mensagem ao Congresso no dia 7, depois, a 11, a de Churchill no seu discurso aos Comuns, mais tarde a de Goebbels, no dia 18, no Palácio dos Desportos, em Berlim. Três vozes diferentes e um só problema: o futuro da guerra. Três eloquências e um só objectivo: satisfazer e acalmar a trepidação febril das opiniões públicas. Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha — não falando nos governos e nas populações dos países ocupados — respondendo e explicando, no possível, um retardamento que se prolonga para além do anunciado. Na Alemanha — e tanto monta dizer que em todos os países que com ela se conglomeram — a confessar o revés de leste e a tirar dele partido para o levantamento supremo das energias alemãs.

O presidente Roosevelt deixou de toda a sua mensagem um rastro de optimismo. Começando por estabelecer que as potências do Eixo deveriam ter ganho a guerra, pois, a não ser assim, terão de a perder, (e é precisa uma extraordinária confiança para emitir esta afirmação) marcou como grandes objectivos atingidos o estancamento da irrupção e dos alargamentos nipónicos no Pacífico, o fim da guerra defensiva nesse vasto teatro de guerra, e a presença dos Aliados no norte de África. Quanto a esta advertiu, porém, que poderosos efectivos militares e quantidades de material tem o Eixo recebido ali, esperando-se.

porém, seja batido, quando os Aliados desencadearem o ataque final. Poucos dias depois, ao serem rendidas as mal armadas forças francesas que há cerca de dois meses vinham afrontando o inimigo de guarda às fronteiras, Rommel depois de abrigado à «Linha Mareth», e dispozo de duas «Panzer» reorganizadas, atirava-se sobre os americanos e alargava até aos contrafortes do Atlas a parte meridional do corredor litorâneo, desde o porto de Susa, até àquele Linha, e o Afrika Korps totalizava-se num só exercito.

Allegando os números astronómicos da produção de guerra, garantindo que na passagem da economia de guerra para a da paz, será dado trabalho a todos, repetindo o compromisso de que as armas só serão abatidas perante a rendição incondicional do inimigo, Roosevelt fazia, porém, uma afirmação de enorme alcance politico durante o jantar anual à Imprensa, na residência presidencial, no dia 13, que completa os seus actos públicos a que nos referimos. Ei-la:

«Nenhuma nação do mundo ficará sob uma forma de governo fascista ou uma forma de governo nazi ou uma forma de governo dos senhores da guerra japoneses. Tais formas de governo são rebentas que se apoderaram do governo e esmagaram a

liberdade. Por conseguinte, as Nações Unidas podem dizer absolutamente que essas formas de governo não permanecerão jámais. E o mundo pode ficar certo de que esta guerra total — este sacrificio de vidas em todo o mundo — não é feita com a menor ideia de manter no poder os «Quislings» ou os Laval, seja onde fôr. As decisões tomadas e os planos elaborados em Casablanca não se limitaram a um teatro de guerra qualquer, nem a um Continente ou Oceano».

Não são já segredo de chancelarias, pois que o presidente Benés foi o primeiro a destapá-lo, tentativas, talvez apenas em primicias mas indiscutivelmente reais, de sondagens conciliatórias nos meios beligerantes, cruzando-se ora junto da Santa Sé, ora nos meios da alta finança e da grande industria internacional, com intenções decerto humanitárias mas que impulsionadamente relembram as de 1917.

As declarações rooseveltianas, e sobretudo as últimas, não deixam dúvidas sobre o destino de tão generosos gestos, ao menos nestes primeiros tempos.

A DE CHURCHILL

O discurso de Churchill emparelhou de importância a este. Mas o seu fulcro foi diferente, como dife-

(Continua na pag. 23)

**MORREM OS DENTES
ADOEGEM AS GENGIVAS
nas bocas sem**



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

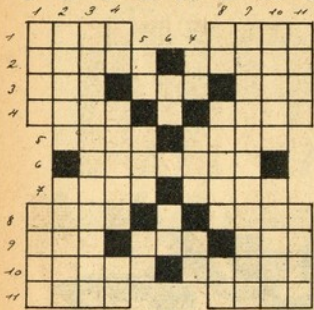
PARGIL não mascara falsamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



O marechal Goering pronunciando o seu discurso

PALAVRAS
CRUZADAS



PROBLEMA N.º 56

HORIZONTAIS: 1 — Emmudeço; Estreito; 2 — Alma; Lua nova; 3 — Textualmente; Incólume; Muitos; 4 — Monte de palha (invert.); Capaz; 5 — Cheiro; De bronze; 6 — Eternizar; 7 — Afecto; Que durou um ano; 8 — Impugnar; Liguem; 9 — Batraqueio; Origem; Graúdo; 10 — Amotina; Província da Áustria; Pronúncia da Áustria; 11 — Fera; Nunca visto.

VERTICAIS: 1 — Lar; Vocal; 2 — Pécula em pó, extrada dos vegetais; Tira lá; 3 — Espartano; 4 — Gigante venerado pelos Assírios; Movedor; Basta; 5 — Art. m. pl.; Rapaz (o sal) na peça da salina e juntá-lo com o ródio; Não é boa; 6 — Figura; Aquí; 7 — O lado do vento; Eia; Abrev. de italiano; 8 — Adeus; Aná; Continuar; 9 — Febre; 10 — Grito agudo momentâneo das aves quando embravecidas; O que lê; 11 — Crivo; Terreno mole.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 55

HORIZONTAIS: 1 — Ema; Avo; 2 — Rem; Lar; 3 — Alopécia; 4 — Rico; 5 — Arar; 6 — Lanercas; 7 — Ale; Ame; 8 — Mai; Sor.

VERTICAIS: 1 — Era; Lam; 2 — Mel; Ata; 3 — Amóravel; 4 — Pire; 5 — Ficar; 6 — Alcorcas; 7 — Vai; Amo; 8 — Ora; Ser.

PORQUE USO
o novo pó de
Arroz Tokalon



Pela PRINCESA ALLA TROUBETSKOY

- ★ É fabricado numa variedade tão bonita de cores modernas e que embelezam.
- ★ É o mais leve e o mais fino de todos que conheço.
- ★ Adoro o seu perfume delicioso de flores naturais.
- ★ Verifico que dura um dia inteiro. Mais nenhum pó de arroz tem este segredo da espuma de creme.
- ★ Conserva a pele fresca e encantadora, apesar do vento e da chuva.
- ★ Tenho a certeza de que não compraria outro melhor, por qualquer preço.

AQUI entre NÓS

Inventário & Balanço

A ARTE DE GOVERNAR

A Assembleia Nacional retomou os seus trabalhos do actual período legislativo. Entre as matérias sobre as quais vai incidir a discussão figuram as três importantes propostas elaboradas pelo Governo e sobre as quais a Câmara Corporativa tem, pelas comissões competentes, feito sucessivos estudos para a elaboração dos respectivos pareceres. Essas propostas tratam da fiscalização das sociedades anónimas; da nacionalização dos capitais de certas empresas, designadamente de transportes; e da elaboração do Estatuto de Assistência Social. A simples enumeração destas linhas gerais — por assim dizer, apenas os títulos — chega bem, entretanto, para nos dar a ideia da importância dos assuntos a tratar, que encerram em si um conteúdo de alta significação política e social. A época presente, com as suas exigências e os seus constantes movimentos de transformação, fez, na verdade, apelo à revisão de muitas das grandes linhas mestras da organização da vida. O talento de quem dirige está, precisamente, em ter aptidão de palpar as grandes oportunidades e ir ao encontro delas. Ninguém dirá que assuntos como estes, que estão pendentes das derradeiras decisões de quem governa, não sejam da maior transcendência e da mais compreensiva oportunidade.

|||

MORREU O ELEFANTE

Um dia destes, o tratador dos elefantes do nosso Jardim Zoológico chegou ao cerrado e encontrou em estranha postura um dos seus hóspedes de há 17 anos, o «Ingra». Não queria comer. O doutor veio ver o paquiderme, mas não logrou remediar-lhe o mal. Algumas horas depois, a gigantesca mole de carne caía rotundamente para não mais se levantar. O «Ingra» já fazia parte da crónica lisboeta. Algumas gerações de crianças passearam alegremente no seu dorso, na caminhada mansa pelas alamedas sombreadas das Laranjeiras. Muitos são os que ficam guardando em si recordações desses momentos felizes. Alguns, que eram meninos há 15 anos, são já hoje pessoas que entram na vida a sério. Não será neles menos intensa a recordação. Não será menos intensa, mas será, por certo, mais compreensiva: o episódio da morte é, afinal, um episódio da própria vida.

O PEIXE DO RIO

ESTAMOS na idade dos problemas. As incógnitas afloram com a simplicidade dos cogumelos em terra úmida. Será que o ambiente propicia essa febre de estudo e de saber? A necessidade deve ser, aqui, o grande agente propulsor, cada um se votando a mil tarefas em que o seu engenho possa descobrir motivos que a satisficam. Há poucas semanas referimos quanto se tenta para assegurar a razão de ser da riqueza florestal do país. Eis que surge outra iniciativa de significação e alcance paralelos: o povoamento dos rios. Sabe-se que as espécies animais que vivem em água doce têm muitos apreciadores e chegam a atingir preços elevadíssimos. A pesca fluvial tem, por isso, por toda a parte, grande contingente de adeptos. Mas não é a simples prática desportiva que há, hoje em dia, que tem em conta. O problema é de outra ordem — pois está aí uma reserva de produtos alimentares com que é preciso fazer conta, numa época em que tudo quanto diz respeito a abastecimento da população é de molde a constituir preocupação séria e urgente para todos.

jas de Lisboa, com um caso que despertou as atenções gerais. Tratava-se dum casaco azul-escuro em que estavam bordados, em vários sítios, a 'soutache vermelha, alguns nomes de escritores. A pessoa que nos dá estas informações conseguiu ler quatro nomes apostos nas costas da moderníssima senhora: os nomes de Junqueiro, Eugénio de Castro, Armando Ferreira e Silva Bastos. Não sabemos, perante estes nomes, aliás ilustres, qual o critério a que a portadora obedeceu para a sua escolha. Quereria ela demonstrar que a Poesia participa do Humorismo — e o Humorismo da Poesia? Ignoramos. O que é verdade é que, se a moda pega, os escritores e os poetas terão encontrado uma agradável e eficiente forma de reclame — a menos que as senhoras não resolvam bordar os nomes em certos sítios dos casacos...

|||

UM amigo nosso recém-casado solicita-nos que recomendemos aos noivos esta coisa simples, casem-se — mas não vão passar a lua de mel fora. O amigo que nos solicita tal recomendação teve a trágica fantasia de, após a cerimónia nupcial, partir para o norte, no combóio. No seu entender só houve uma coisa pior do que essa viagem: foi a volta. A onda de gente que ocupava a carruagem, o atraso do combóio, as vicissitudes da alimentação em trânsito, tudo isto converteu aquela viagem para Cithera — num perfeito inferno. Fiquem, pois, sabendo os recém-casados: passem a lua de mel em casa — e mandem as sogras no combóio...

|||

A guerra continua a inspirar a literatura. Sobre a nossa mesa de trabalho abrem-se os dois últimos volumes aparecidos: *O caso de Darlan*, da autoria do dr. Francisco Veloso e *Os Americanos no norte de África*, da autoria de Carlos Ferrão. Qualquer destes dois volumes aborda um assunto de palpante actualidade, e cada um deles constitui um valioso subsídio para a história, cada vez mais complexa, da guerra actual.

NO domingo último uma senhora assistiu à missa, numa das Igre-

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - o enigma nipónico

4

ONDE O ENIGMA SE DESVENDA

O mês de Outubro de 1941 marcou a decisão japonesa de fazer a guerra, quaisquer que fossem os riscos que isso implicasse. As entrevistas em que o embaixador nipónico em Washington, almirante Nomura, tomara parte, não haviam conduzido a qualquer decisão. Dum lado e doutro tinham-se feito afirmações recíprocas de boa vontade, cujo carácter platónico não oferecia dúvidas. Os Estados Unidos e o Japão mantinham-se nas suas posições e as concessões que se mostravam decididos a fazer não tocavam a essência dos motivos profundos que justificavam a sua rivalidade tradicional. Só a guerra, portanto, aparecia como uma solução extrema mas inevitável dessa rivalidade. Além disso, tanto um como outro desses países tinha, de alguma forma, ligado o seu destino ao dos blocos de beligerantes que se afrontavam na Europa e na África.

Quando o mês de Outubro começou, a situação no Extremo Oriente podia caracterizar-se pelos seguintes factos: a Indo-China passara praticamente para o domínio japonês; em Washington, prosseguiram as conversações nipo-americanas, no meio do cepticismo geral; uma ofensiva de grande envergadura, desencadeada pelos japoneses na China, levava-os às portas de Chang-Chai; o bloco A B C D afirmava uma certa consistência, perante a ameaça crescente que representavam as medidas militares nipónicas, tomadas tanto no continente asiático como nos mares que o banham. Em resumo, a atmosfera era mais de guerra que de paz.

Os organismos de propaganda nipónica empenharam-se, durante os primeiros dias de Outubro, em amplificar o sentido e a extensão das vitórias dos seus exércitos na China, o que era perfeitamente compreensível, mas não deixava de ser filtrado pelas fontes de informação que em Londres e Washington iam dando conta dos verdadeiros resultados obtidos pelas armas nipónicas naquele distante teatro de operações. As informações recolhidas, embora confirmassem a existência de uma séria ameaça para os exércitos de Chang-Kai-Chek, não confirmavam a iminência da sua destruição. O encerramento da estrada da Birmânia colocara o marechal chinês em sérios apuros. De aí a concluir que a resistência do seu país ia cessar medeava uma certa distância.

A CRISE MINISTERIAL

No dia 16 de Outubro, o terceiro gabinete que se havia constituído sob a presidência do príncipe Konoye resignou as suas funções, sendo esse facto justificado pela existência de divergências entre alguns dos seus membros mais categorizados. O Imperador, depois de uma série de longos conselhos de ministros, cujas resoluções ficaram sempre constituindo um motivo de absoluto segredo, recebeu em audiências sucessivas e demoradas, o príncipe Konoye e o ministro da Guerra, general Tojo, que se afirmara sempre um partidário decidido da maneira forte e um dos mais entusiásticos advogados do entendimento estreito com as potências europeias do Eixo. A divergência que, nesse momento, se afirmava entre os dois homens, era profunda e insanável. O príncipe era de opinião que, apesar de registarem pequenos progressos, se é que haviam mesmo registado alguns, as conversações de Washington deviam prosseguir. Mesmo à custa de con-

cessões substanciais, o entendimento com os americanos era considerado indispensável pelo príncipe Konoye, que entendia que, numa guerra de longa duração com os Estados Unidos, o Japão acabaria por conhecer a derrota, dada a fragilidade da sua armadura económica, em relação aos recursos praticamente inesgotáveis de que dispunham os norte-americanos. O general Tojo, tendo estudado profundamente os métodos e os efeitos da guerra relâmpago na Europa, pensava que o seu país estava em condições de afrontar o poderio norte-americano desde que soubesse, inicialmente, vibrar-lhe uma série de golpes militares capazes de levar este país à rendição. Apoiado por uma parte importante dos chefes militares das várias armas e serviços, foi este o ponto de vista que acabou por triunfar. O general Tojo foi encarregado de constituir o novo governo. Este foi em toda a parte, e especialmente nos Estados Unidos, considerado como o primeiro gabinete de guerra do Japão.

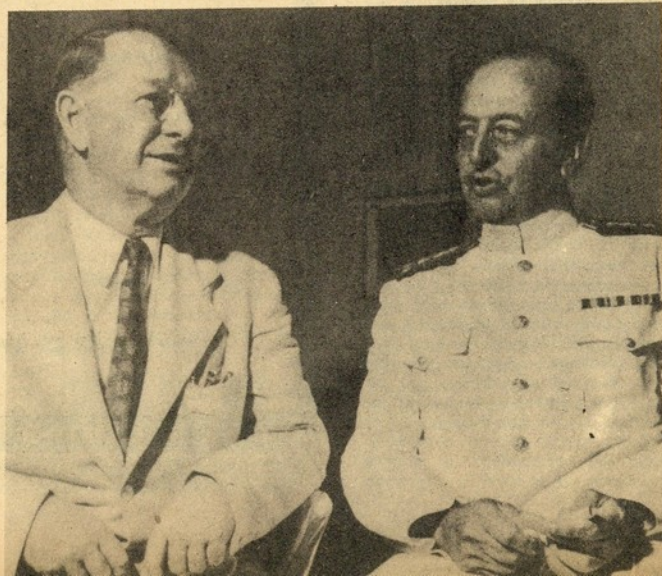
O GABINETE TOJO

Logo que teve conhecimento de que o general Tojo havia assumido as funções de chefe do governo em Tóquio, o presidente Roosevelt convocou uma reunião dos principais chefes militares do seu país, com os quais discutiu todas as eventualidades que desse facto podiam surgir. Uma declaração oficial, feita em Washington, anunciava que os Estados Unidos não estavam dispostos a sacrificar os seus interesses essenciais e que

também não sacrificariam a China em holocausto a qualquer pressão ou combinação que tivesse a sua origem em Tóquio. Esta linguagem era significativa das verdadeiras intenções que animavam o presidente Roosevelt e os seus mais directos colaboradores.

Em 19 de Outubro, estava constituído o gabinete de guerra a que presidia o general Tojo. Este tinha, com a presidência do conselho, as pastas do Interior e da guerra. O ministério dos Estrangeiros aparecia confiado a um diplomata de carreira, o embaixador Shigenari Togo, cujas inclinações pró-alemãs eram suficientemente conhecidas. A pasta da Marinha ficava confiada ao almirante Shimada, que sobre a política externa e militar partilhava os pontos de vista do chefe do Governo e sempre, entre os seus camaradas da Armada nipónica, advogara a necessidade de tomar atitudes decididas perante as potências estrangeiras adversárias do Japão. O gabinete incluía ainda três almirantes e dois generais, dando-se assim uma larga representação aos chefes das forças armadas, com prejuizo da representação da alta indústria e da finança, bem como dos partidos políticos, a qual sempre caracterizara a constituição dos gabinetes anteriores. Esta circunstância mais contribuía para agravar os receios que em Londres e Washington havia provocado a chamada do general Tojo ao poder.

O mundo aguardou, com uma ansiedade compreensível, que as declarações do chefe do novo governo nipónico permitissem avaliar das suas intenções imediatas.



UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (úmido ou seco), crostas, feridas, arupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogas

Preço avulso: 11\$00



Knox, ministro da Marinha dos Estados Unidos, com o seu chefe de Estado Maior

Os americanos, recordando o que se passara trinta e sete anos antes com os russos, encaram a hipótese de um ataque imediato. Outra não podia ser a significação das reuniões sucessivas de chefes militares que nessa altura se verificaram em Washington e das medidas de precaução tomadas como consequência dessas reuniões.

AS PRIMEIRAS DECLARAÇÕES

As primeiras declarações vieram finalmente. E se não eram de molde a tranquilizar o sobressalto que a constituição do novo governo japonês provocara por toda a parte, também não faziam prever a iminência de uma rotura. A convicção geral era a de que os japoneses ainda não haviam terminado os seus preparativos militares e que desejavam concluirlos ao abrigo de uma cobertura diplomática. Esta suposição apareceu, de alguma forma, confirmada pelo recrudescimento de actividade que se verificou imediatamente nas fábricas de material de guerra do Japão e, especialmente, nos seus estaleiros. Este recrudescimento de actividade coincidiu com a adopção de medidas radicais para acautelar a defesa da população civil.

O general Tojo, no discurso público que pronunciou, em seguida ao acto de posse das suas funções, insistiu nos direitos que assistiam ao Japão para ser a potência dominante no continente asiático e declarou que nada desviaria o povo japonês do propósito de liquidar a guerra com a China por uma vitória total e de organizar a esfera de co-prosperidade económica na Ásia.

Este tema foi glosado, enérgicamente, numa série de declarações que fez nessa altura e apareceu tratado, embora com uma forma mais reservada, pelo novo ministro dos Negócios Estrangeiros. Mas tanto um como outro afirmaram, simultaneamente, o propósito de manterem as melhores relações com as grandes potências estrangeiras e de não deixarem cair em ponto morto as negociações de Washington.

Significativa, mais porventura que as declarações feitas em Tóquio, foi a atitude da imprensa de Berlim, que recebeu com justificado entusiasmo a notícia da constituição do gabinete Tojo. Um jornal do Reich, o «Leipziger Neueste Nachrichten», punha especialmente em relêvo as tendências do ministro dos Estrangeiros, recordando que o embaixador Togo desempenhara brilhantemente as suas funções em Berlim, onde se tinha condecorado com uma senhora de nacionalidade alemã. No desempenho do cargo da secção europeia do Gaimusho, contribuíra decisivamente para a celebração do pacto tripartido.

PREPARATIVOS CRESCENTES

O ponto de vista americano foi francamente posto num discurso feito pelo Secretário de Estado da Marinha, Frank Knox, que aludiu, sem nenhuma espécie de rodeios, à gravidade da situação, dizendo: «O governo americano está convencido de que os japoneses não pensam abandonar nenhum dos seus planos de expansão. Se este facto se verificar, como tudo indica, é inevitável o conflito militar entre os nossos dois países.» Como Knox se tivesse referido à necessidade de intensificar o auxílio americano à Rússia, a imprensa

nipónica aproveitou esta circunstância para desencadear contra êle uma violenta campanha. Um erro na transmissão do texto do discurso fez acreditar, depois, que o governo americano tinha decidido fazer cessar os envios de material para a Rússia e êsse facto foi interpretado em Tóquio como um sintoma de apaziguamento. Em Washington declararam, porém, que os cargueiros americanos continuariam a seguir a rota de Vladivostok e a campanha da imprensa nipónica recrudescera de intensidade.

Entretanto, os preparativos do Japão tomavam um incremento cada vez maior. Ao mesmo tempo que as guarnições desembarcadas na Indo-China eram reforçadas poderosamente, os navios da esquadra nipónica cruzavam nas proximidades das bases americanas do Pacífico, especialmente em torno das ilhas de Wake, Midway e Johnson. A imprensa americana, ao referir êste facto, classificava-o como um acto de provocação a que se tornava necessário dar uma resposta adequada. Assim, as conversações de Washington, que prosseguiam no meio dum mistério impenetrável, eram acompanhadas por um estado de tensão cada vez maior que nada de bom presagiava. A não se verificar uma nova acção diplomática de envergadura, que pusesse termo a êsse estado de tensão, tornava-se evidente que uma rotura seria a conclusão inevitável para a marcha dos acontecimentos, tal como êles se desenhavam e carregavam, à medida que o tempo decorria no meio de preparativos militares

crecentes e sem que os dirigentes políticos dos dois países se julgassem em condições de pôr um termo aos inconvenientes verificados.

A MISSÃO DE KURUSU

No dia 5 de Novembro, revelou-se, finalmente, que os japoneses estavam decididos a dar um passo importante no caminho do esclarecimento da situação. Em Tóquio foi oficialmente anunciado que um diplomata da maior categoria, o embaixador Saburu Kurusu, ia partir, o mais rapidamente possível, e pela via mais curta, em direcção à capital americana, munido de poderes especiais para negociar com o Governo de Washington, a solução de todos os problemas que ensombavam as relações entre os dois países. A escolha não era, possivelmente, muito feliz como se encarregaram de o acentuar, desde logo, os principais jornais americanos. O embaixador Kurusu assinara, em nome do seu país, em Setembro de 1940, o pacto tripartido de Berlim, o qual ligava estreitamente o Japão às potências europeias do «Eixo». Esta circunstância tornava-o uma personalidade suspeita sob o ponto de vista das suas simpatias pelos países totalitários, o que certamente influíu na recepção significativamente fria que lhe foi feita.

Embora se declarasse oficialmente em Tóquio que a missão Kurusu devia ser encarada como uma missão de paz, um artigo do «Japanese Times and Advertiser», publicado no dia em que Kurusu deixava o porto de Hong-Kong, com

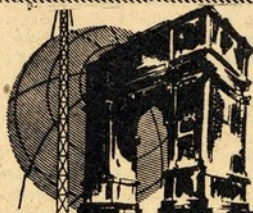
destino a Washington, veio contribuir poderosamente para excitar os ânimos nos Estados Unidos. Aquêlle jornal japonês, justamente considerado como o porta-voz das opiniões do Gaimusho, dizia que tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos deviam preparar-se para fazer numerosas concessões substanciais ao Japão. Na primeira linha dessas concessões figurava, naturalmente, para as potências anglo-saxónicas, a necessidade de terminarem imediatamente o envio de qualquer auxílio à China. Só êsse facto seria de molde a dar a medida da sua boa vontade para encerrar novas perspectivas de paz. Tudo indicava, portanto, que os objectivos japoneses permaneciam inmutáveis e que a missão Kurusu, como a missão Nomura, se destinava a um malogro irremediável. Entretanto, depois da partida do embaixador especial, a imprensa japonesa mostrou-se mais calma na apreciação dos problemas internacionais.

ÚLTIMOS ESFORÇOS DE PAZ

Tendo partido de Hong-Kong em 5 de Novembro, o embaixador Kurusu chegou nove dias depois a S. Francisco. A sua chegada coincidiu com a abertura da sessão normal da Dieta nipónica em que o general Tojo pronunciou um extenso discurso para expôr as linhas gerais da política externa que o seu país se propunha seguir nos tempos mais próximos. O Japão, segundo declarou o chefe do governo, estava firmemente decidido a salvaguardar a paz e a evitar que a guerra da Europa se estendesse ao Extremo Oriente. Punha para isso, porém, determinadas reservas das quais se não mostrava disposto a abdicar em circunstância nenhuma. As potências anglo-saxónicas deviam fazer cessar imediatamente todos os envios de material para a China. Deviam, além disso, terminar o bloqueio económico que estavam praticando e permitir a realização da desejada esfera de co-prosperidade da Ásia. O discurso do general Tojo parecia esmaltado por algumas referências significativamente entusiásticas às vitórias militares das potências do «Eixo» na Europa, o que naquela altura não podia deixar de se entender com a Rússia, país que tinha assinado com o Japão, poucos meses antes, um pacto de amizade.

Na mesma sessão da Dieta, o ministro dos estrangeiros, Togo, falou também para se referir à situação externa e à sua evolução. Era a altura em que Kurusu fazia a sua primeira visita oficial ao presidente Roosevelt, a fim de se iniciarem as últimas tentativas de pacificação que deviam proceder de perto a eclosão da catástrofe prevista. A entrevista Kurusu-Roosevelt foi acompanhada de uma entrevista Nomura-Cordell Hull. Ninguém ignorava que o embaixador Nomura era um partidário decidido do entendimento com os Estados Unidos, embora no decurso das negociações tivesse de sacrificar, invariavelmente, as suas convicções pessoais às instruções que recebia do governo de Tóquio. Mas as suas opiniões, de que nunca fizera segredo, davam-lhe uma autoridade especial nos meios norte-americanos, onde a sua acção era encarada com uma simpatia compreensível que não se alargava à missão de que o diplomata Kurusu vinha especialmente encarregado.

(Continua na pág. 23)



ESCUTAI ROMA

**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
14.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
17.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 17	15.31	19590
21.50	Noticiário	2 RO 66	19.61	15300
		2 RO 22	25.10	11950
24.00	Noticiário	2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
				221.10 ondas
				263.20 médias
21.10	aos domingos	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
21.20	às quartas-feiras	2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

(Conclusão da página 19)

rente era o meio, sempre irrequieto e muitas vezes desorientado, a que se dirigia.

O grande Primeiro Ministro dozeu a sua oração, ora em narrativa da sua viagem, ora em avisos, ora em desenhos planificados. Mas colocou à testa de tudo uma realidade que é afinal ainda a mesma, desde a sua segunda conferência com Roosevelt em Washington: «O problema é levar estas forças a entrar em acção. Os Estados Unidos têm vastos oceanos para atravessar, para se aproximarem do inimigo. Nós também temos mares ou oceanos para percorrer, no primeiro caso, e, além disso, para ambos existe o audacioso e complicado empreendimento dos desembarques em costas defendidas e, também, a concentração de abastecimentos e o estabelecimento de comunicações, necessárias para uma campanha vigorosa, uma vez realizados os desembarques. É por este facto que a guerra submarina ocupa o primeiro lugar nos nossos pensamentos».

De facto, depreende-se claramente de todo o longo discurso de Churchill que, por enquanto, os alemães fazem, com aliás se previa, da guerra submarina a sua grande arma-travão. O Primeiro Lord do Almirantado não hesitava em apontá-la no período do maior esforço. E contra ela, os Aliados usam de dois «handicaps»: a organização, já não defensiva mas ofensiva dos «combóios», e o cendobramento das construções navais.

E Churchill com aquela franqueza leal que é nele não só uma virtude britânica mas uma arma de autoridade moral, pôs sem reticências o caso de toda a fase actual da guerra nestas palavras de vincada expressão:

«Quanto mais forem reduzidos os afundamentos, mais forte poderá ser o esforço de guerra anglo-americano para vibrar mais violentos golpes contra o inimigo. Quanto maior for o peso que pudermos aliviar da Rússia, mais depressa terminará a guerra. Tudo depende da proporção em que as novas construções ultrapassem as perdas, que, apesar de diminuírem, como disse, são ainda um facto lamentável que nos faz meditar. Entretanto, o inimigo continua a acalentar as suas vãs esperanças de evitar a derrota com a guerra submarina. Mas não pode evitá-la. Pode demorá-la e está nas nossas mãos reduzir esta demora com todos os esforços possíveis».

Ào lado da declaração de Roosevelt acima transcrita, deve colocar-se estoutra de Churchill, logo imediata ao trecho acima lido e por isso mesmo como um corolário d'ello, e uma premunção contra receios de que as demoras previstas do grande acto da ofensiva das Nações Unidas impliquem, embora com proveito para o inimigo comum, num mesmo leve recuo na vontade intransigente de o obrigar a render-se:

«Foi só depois de fria e sóbria consideração dos factos, dos quais as nossas vidas e liberdades dependeriam, certamente, que Roosevelt, com a minha completa aquiescência, como delegado do Gabinete de Guerra, decidiu que a nota dominante da conferência de Casablanca deveria ser frisado o nosso desejo de completa e incondicional rendição de todos os inimigos. A nossa inflexível resistência neste ponto não significa que mancharemos as nossas armas vitoriosas, tratando cruelmente as populações, mas tem de ser feita justiça a todos os perversos e culpados e, dentro das suas

atribuições, a justiça tem de ser severa e implacável. Não ficarão vestígios do poder nazi ou fascista ou da máquina dos empresários de guerra dos japoneses, quando tivermos feito o nosso trabalho. E podem estar certos de que ele será feito».

Todo o discurso de Churchill, em substância, está comprimido nestas declarações que eram afinal as que o povo inglês, e especialmente os 35 milhões de ingleses que trabalham nas oficinas de guerra e formam o arco-bojo da máquina bélica britânica, queriam ouvir.

O expressivo resumo das decisões de Casablanca, a unidade de pensamento e acção baseada na identidade de linguagem, o anúncio de um desejo de ofensiva na Birmânia para auxiliar a China, a garantia de respeito e amizade à Turquia, a dilatada descrição dos admiráveis feitos do 8.º exército, a proclamação dos altos comandos de Eisenhower e Tedder na África do Norte, foram acrescentados àquele ponto fundamental, de que Churchill se serviu para conchamar os anglo-saxões das duas bandas do Atlântico a darem de mão e não prestarem ouvidos aos «semeadores de desordem e de discórdias» e a aguardarem confiadamente os resultados.

A ORQUESTRA

Tanto num como noutro destes discursos — (não mencionamos por dispensável mais referências demonstrativas) notaram-se as frequentes e sempre elogiosas e gratas alusões ao esforço, sem dúvida victorioso, que a Rússia está fazendo.

A rendição do grupo de divisões de von Paulus em Estalinegrado retumbou no mundo. A retirada de von List no Cáucaso, a rectificação da frente na bacia de Donetz, após a evacuação de Rostov e o rebaixamento ou despregamento do centro de resistência em Vorochilovgrado, davam, com as evacuações de Kursk e Karkov e a ameaça a Orel em bravíssimos combates, o restabelecimento da frente oriental na linha aproximada em que ela se desdobrava antes de von Bok e von Mansstein intentarem vigorosamente a campanha de 1941-1942.

Esta sucessão de acontecimentos parece, no entanto, ter surpreendido os meios dirigentes de Londres e Washington pela sua rapidez. Não se acreditara (todos os críticos e informadores militares o comprovam) em que a contra-ofensiva se realizasse com tão bom êxito nem sem interrupções para reagrupamentos de forças, por abundantes e organizadas reservas que os russos houvessem.

Dêste modo, o alarme que, como vamos ver, concitou à mobilização de toda a Alemanha, e a surpresa acima indicada soaram na mesma latitude psicológica e política nos campos dos dois beligerantes, ambos de repente a fitarem a Rússia.

E daqui o problema levantado na Imprensa londrina e noavoiroquina: — se o aceleramento da contra-ofensiva russa se mantém no mesmo ritmo, não serão os Aliados obrigados a precipitar o seu anunciado assalto? A data a que escrevemos estes apontamentos, destinados a orientar raciocínios no largo sector de opinião que há dois anos aqui faz o favor de nos ler, a interrogação, de si mesmo grave, derramou-se em muitos espiritos. Não queremos, por enquanto, dizer quais as suas repercussões. Há quem goste e quem não goste. É preciso voltar atrás e releer as palavras, cheias de previsão, em que Churchill pôs o problema dos

preparativos aliados para a «guerra final». Como se sabe, por ora, na África do Norte nada os assinala. E era talvez por isso que Tojo, no dia 27 de Janeiro, dizia que o Japão vigiava as fronteiras do norte e a Manchúria, e aproveitando o lance, vinha na segunda semana de Fevereiro corrente lançar novas e parece que poderosas ofensivas na China.

A DE GOEBBELS

Goebbels quer, acima de tudo, colocar o povo alemão diante do imperativo da nação ameaçada e incitá-la a ser fronteira-mór de leste contra o russo invasor da Europa, acusando do mesmo passo as nações ocidentais de se desinteressarem do perigo bolchevista:

«À leste, passamos neste momento por um revés militar. Este revés assumiu em alguns momentos grandes proporções e, se não pela natureza da situação pelo menos pela sua amplitude, é igual ao do Inverno passado. O assalto da estepe contra o nosso venerável continente foi desencadeado neste Inverno, com uma violência superior a toda a imaginação humana. As forças armadas alemãs e as dos seus aliados representam o único baluarte concebível contra ele. Na Alemanha, ninguém pensa hoje em compromissos vãos. Todo o povo alemão trata apenas de vencer na guerra, embora com grandes sacrifícios. A Imprensa britânica proclamará amanhã que, em face das pesadas perdas sofridas pelos alemães na frente oriental, eu lancei a primeira vaga de tentativas de paz, mas isto está inteiramente fora da questão».

Segundo pensamos, o discurso do ministro da propaganda do Reich não tem outro alcance, e só pode ter novidade no facto de, pela primeira vez, desde além Reno se confessar uma derrota. O que serve admiravelmente à tática política e nunca deshonra um alto-comando militar. Tanto mais que, no próprio dizer dos Aliados, a Alemanha está correspondendo, para as perspectivas da Primavera, e do Verão, à mobilização que de foz em fora lhe conglomera os sacrifícios.

(Conclusão da página 22)

NAS VÉSPERAS DA CATÁSTROFE

No dia 30 de Novembro, o general Tojo proferiu um novo discurso em que afirmou que a Ásia devia libertar-se de toda a espécie de influência estranha, isto é, de países não asiáticos, e de maneira especial de toda a influência anglo-saxónica. Foi precisamente nesse dia que o presidente dos Estados Unidos regressou a Washington da sua residência em Warm Springs onde fora repousar durante alguns dias. Estas duas circunstâncias puderam conjugar-se facilmente e ser interpretadas como um sintoma iniludível de que a missão Kurusu não havia feito quaisquer progressos. O secretário de Estado, Cordell Hull, fez uma declaração oficial, expondo as condições mínimas em que os Estados Unidos se dispunham a prosseguir as negociações.

No dia 5 de Dezembro, o presidente dos Estados Unidos dirigiu uma mensagem pessoal ao Imperador do Japão, o que revelava claramente que a situação devia considerá-se desesperada. A mensagem reafirmava as intenções pacíficas da nação norte-americana e constituía um supremo apêlo dirigido ao Mikado para que este usasse de toda a sua influência, a fim de tentar ainda evitar o pior. Mas as posições estavam tomadas e os planos assentes. A declaração de guerra estava certamente preparada, e foi esse documento que, três dias depois, substituiu a resposta do Imperador à mensagem presidencial. Em 7 de Dezembro, a declaração de guerra era entregue no Departamento de Estado de Washington. Já as bombas dos aviões nipónicos tinham inutilizado, por um longo período de tempo, uma parte importante da esquadra de linha norte-americana que se encontrava nas Hawaii. A guerra, que todos afirmavam querer localizar, transformava-se em conflagração mundial.

(Continua)

O RETRATO DA AVÓZINHA

(Continuação da página 17)

litar esqueceu o seu mal, para sofrer o que adivinhava no pobre velho:

— Senhor! Senhor! — chamou o inglês.

O ancião olhou os dois jovens que o fitavam interrogativamente e empurrando o povo que lhe impedia a passagem, retrocedeu em louca correria. Atrás d'ello, correndo, angustiados, Rosa e o seu protegido tentavam detê-lo.

Na curva da estrada, o português parou. Já se via nitidamente a sua casa. Ondas de fumo subiam ao céu e línguas de fogo lambiam uma das janelas, em movimentos diabólicos.

Os dois jovens só compreenderam a atitude estática do avó, quando os seus lábios trémulos articularam:

— «A minha sempre noiva».

Duas lágrimas rolaram daquêles olhos sem brilho, onde a angústia perpassava, deixando adivinhar a tortura que lhe dilacerava o coração, fiel e apaixonado.

— O retrato da avózinha, que está pendurado no quarto do avó!

— elucidou a Rosa.

Uma contração passou no rosto do inglês. Ao seu pensamento acudiam ideias em tropel, bata-

lhando-se, confundindo-se, enovelando-se. E, fitando a Rosinha e o velho, com um olhar onde havia um mixto de reconhecimento e ternura, desapareceu num passo resolute e firme.

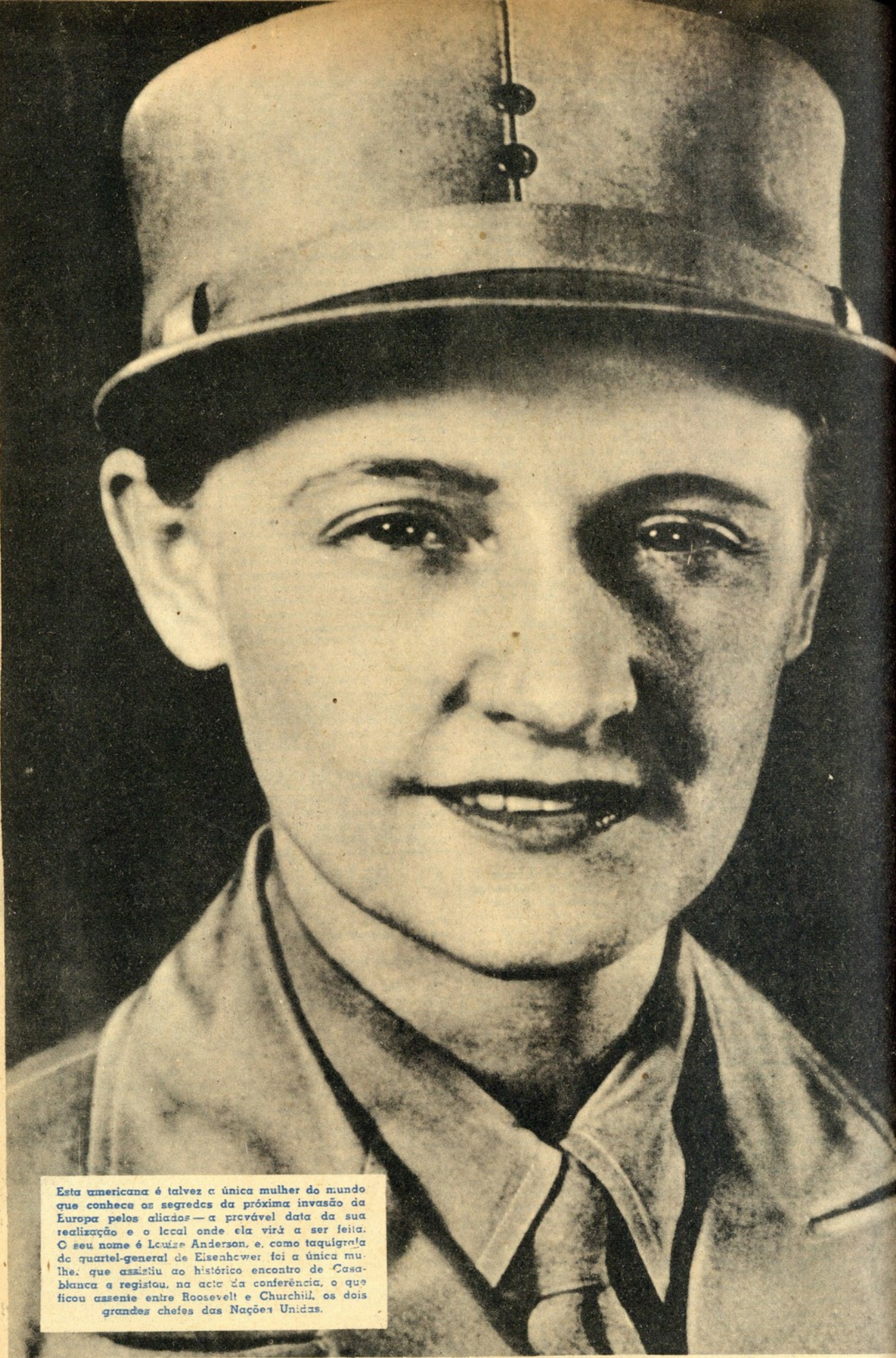
— Louco! — gritou a rapariga num soluço. — Leva-o à morte a sua gratidão.

— Fui imprudente — confessou o velho arrependido e triste.

A alegria de Carlos Borges foi intensa ao ver o retrato da sua querida «noiva». Não pronunciou uma só palavra. Para o acto do valoroso inglês, não havia palavras eloquentes para lhe traduzir todo o reconhecimento.

O velho ria e chorava, limpando às mãos enrugadas as lágrimas teimosas, que lhe deslisavam pelas faces, no auge do contentamento, como uma oração a quem restituíssem o brinquedo da sua preferência, julgado perdido.

Colocando a fotografia num bôlo interior do casaco, junto do coração, abraçou o inglês paternalmente. E, revestido duma nova coragem, caminhou direito à fronteira, seguido pelo parzinho que um futuro de amor talvez estivesse já a seduzir...



Esta americana é talvez a única mulher do mundo que conhece os segredos da próxima invasão da Europa pelos aliados — a provável data da sua realização e o local onde ela virá a ser feita. O seu nome é Louise Anderson, e, como taquígrafa do quartel-general de Eisenhower, foi a única mulher que assistiu ao histórico encontro de Casablanca e registou, na acta da conferência, o que ficou assente entre Roosevelt e Churchill, os dois grandes chefes das Nações Unidas.